



Licenciatura em Teatro
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



Amanda Duarte e Luiz Claudio Cajaiba

Elaboração de Projeto de Pesquisa

Elaboração de Projeto de Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE TEATRO
LICENCIATURA EM TEATRO

Amanda Duarte e Luiz Claudio Cajaiba

Elaboração de Projeto de Pesquisa

Salvador
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor: Paulo César Miguez de Oliveira

Vice-Reitor: Penildon Silva Filho

Pró-Reitoria de Extensão

Pró-Reitora: Fabiana Dultra Britto

Diretor da Escola de Teatro:

Prof. Claudio Cajaiba Soares

Superintendência de Educação a
Distância -SEAD

Superintendente

Márcia Tereza Rebouças Rangel

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD

Haenz Gutierrez Quintana

Coordenação de Design Educacional
Lanara Souza

Coordenadora Adjunta UAB
Andréa Leitão

Licenciatura em Teatro

Coordenador:

Prof. Mateus Schimith

Produção de Material Didático

Coordenação de Tecnologias Educacionais
CTE-SEAD

Núcleo de Estudos de Linguagens &
Tecnologias - NELT/UFBA

Coordenação
Prof. Haenz Gutierrez Quintana

Projeto gráfico e diagramação
Haenz Gutierrez Quintana

Foto de capa: Freepik

Equipe de Revisão:
Flavia Goulart M. Garcia Rosa

Equipe Design
Supervisão:
Haenz Gutierrez Quintana
Danilo Barros

Editoração / Ilustração:
Ana Carla Sousa; Ana Beatriz Souza;
Gabriela Cardoso; Matheus Moraes;
Thalles Purificação; Tamara Noel

Design de Interfaces:
Danilo Barros

Equipe Audiovisual
Direção:
Haenz Gutierrez Quintana

Produção:
Ana Santos;
Juliana Bispo

Câmera, teleprompter e edição:
Gleydson Públio

Edição:
Lucas Machado;
Marília Gabriela;
Pedro Santana

Animação e videografismos:
David Vieira;
Lio Estrela;
Melissa Araujo;
Rodrigo Araújo

Edição de Áudio:
Igor Macedo;
Leonardo Mateus;
Lua Lemos



O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Esta obra está sob licença *Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0*: esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA

D812

Duarte, Amanda.

Elaboração de projeto de pesquisa / Amanda Duarte, Luiz Claudio Cajaiba. -
Salvador: UFBA, Escola de Teatro; Superintendência de Educação a Distância, 2024.
50 p. : il.

Esta obra é um Componente Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro na
modalidade EaD da UFBA.

ISBN: 978-65-5631-130-2

1. Pesquisa - Projetos. 2. Pesquisa - Metodologia. 3. Pesquisa - Arte. 4. Teatro - Estudo e
ensino (Superior). I. Cajaiba, Luiz Claudio. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de
Teatro. III. Universidade Federal da Bahia. Superintendência de Educação a Distância. IV.
Título.

CDU: 001.8

Sumário

Sobre os Autores	6
Apresentação	8
Unidade Temática I - Como se caracteriza a pesquisa em artes, nas artes cênicas e no ensino do teatro?	12
Unidade Temática II - Recuperando e prosseguindo: as partes integrantes de um projeto de TCE	17
2.1 Sobre a Apresentação.....	17
2.2 Sobre a Introdução.....	18
2.3 Sobre os Objetivos	22
2.4 Sobre a Justificativa	24
2.5 Sobre a Metodologia	26
2.6 Sobre o Cronograma	28
2.7 Sobre os Apêndices e Anexos	29
2.8 Sobre as Referências	29
Unidade Temática III - TCE: Trabalho de conclusão de estágio	30
3.1 Introdução	36
3.2 Desenvolvimento	37
3.3 Considerações finais	38
3.4 Itens pós-textuais	38
3.5 Itens pré-textuais	39
3.6 O que não se pode esquecer da ABNT	47
3.7 Mas e a apresentação?	48
Referências	51



Imagem: Freepik

Sobre os Autores

Amanda Duarte

Graduada em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE, 2016), pesquisou o processo de criação e recepção do espetáculo *O mar de Fiote* em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em 2018, titulou-se mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com a dissertação *E se nós decidirmos juntos?: uma proposta de criação teatral compartilhada dentro da educação formal*, cuja pesquisa apresenta as possibilidades de conexão e de aplicabilidade da união entre o Process Drama de origem inglesa e os métodos de criação compartilhada - que deu origem ao seu primeiro livro. Desde 2020, atua como professora de métodos de pesquisa e consultora na criação de trabalhos acadêmicos, auxiliando na produção de TCCs, dissertações e teses, além de conduzir o seu próprio curso de pesquisa acadêmica. Atualmente é doutoranda no PPGAC da UFBA, no qual pesquisa as especificidades da relação professor-orientador e aluno-orientando nas artes cênicas.

Luiz Claudio Cajaiba

Diretor (2022-2026) e professor titular da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ingressou no ano de 2007 para dedicar-se ao curso da licenciatura através do concurso intitulado Teatro na Educação. Hoje atua como Coordenador Pedagógico do Curso Licenciatura em Teatro na modalidade de Educação a Distância (EaD). Na pós-graduação, tornou-se professor do Programa de Pós-Graduação em

Artes Cênicas (PPGAC), na própria Escola, atuando na linha de pesquisa relacionada aos processos educacionais em artes cênicas e também, nesta mesma perspectiva, desde 2014 é professor do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES), no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC-UFBA). Orientou vários estudantes no mestrado e no doutorado. Na gestão, foi membro do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE), Chefe do Departamento de Técnicas do Espetáculo, Coordenador do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), vice-diretor e diretor da Escola de Teatro. Durante a primeira gestão como diretor (2016-2020), conduziu a aprovação do Curso EaD, a elaboração do PPC e a implementação do curso. É bacharel em Artes Cênicas - Interpretação Teatral pela UFBA (1992). Tem mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA (1997). É doutor em Artes Cênicas pela UFBA, com sanduíche na Universidade Livre de Berlim (2005). Fez pós-doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), PPGAC/UFBA, cujo projeto investigou os processos de recepção e crítica de espetáculos na cena contemporânea (2006). Há mais de 15 anos ministra as disciplinas relacionadas à metodologia de pesquisa nos níveis da graduação (licenciatura) e da pós-graduação (mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado), na Escola de Teatro e no Instituto de Humanidades, Artes & Ciências Professor Milton Santos (IHAC).



Imagem: Freepik

Apresentação

Cursistas,

É uma grande felicidade ter vocês nesta disciplina de **Elaboração de Projeto de Pesquisa**, pois isso significa que seu curso, seu percurso, aproxima-se do final. Neste *e-book* você encontrará orientações bastante detalhadas para escrever o projeto, pois se trata de uma disciplina teórico-prática, cuja **ementa** é aqui reproduzida: “Escrita do projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão dos Estágios (TCE). Delineamento de horizonte teórico para trabalho de pesquisa”. E cujo **conteúdo programático** propõe: “Temas relacionados ao trajeto dos estágios supervisionados. Projeto de pesquisa. Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Fundamentação teórica”.

Vamos nos concentrar na palavra trajeto. Pois ela será muito importante nas proposições que serão feitas aqui. Não à toa, ela rima com projeto.

Por isso, a primeira proposição que faremos é que sejam reunidas e agrupadas as experiências envolvendo o ensino do teatro vividas por você, tanto a partir desse curso de Licenciatura em Teatro, quanto em seu trajeto fora da Universidade. E quando nos referimos às experiências, queremos também evocar as diferentes formas: a leitura e discussão dos textos indicados já desde o primeiro bimestre; os trabalhos individuais ou em grupo, resultados das disciplinas — incluindo aqueles feitos durante os anos da pandemia—, sejam eles escritos, artísticos, performáticos; as aulas práticas ministradas por professoras e professores que geraram ou não diários de bordo; os projetos de ações pedagógicas em salas de aula, tendo sido aplicados, preferencialmente, desde os primeiros encontros até os

projetos dos últimos estágios; as conversas com colegas, as discussões nos fóruns do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) com o corpo docente; as vivências com estudantes do ensino fundamental, com o ambiente escolar; as vivências com a comunidade em que você vive e que fez parte de alguma forma das suas ações pedagógicas e/ou artísticas através do teatro; as demais experiências vividas por você como artista. Enfim, precisamos pensar que o seu projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Estágio (TCE) deve levar em conta a tríade professor-artista-pesquisador.

Não custa lembrar, como foi discutido no componente metodologia da pesquisa em teatro, que propôs a elaboração de um projeto como requisito de avaliação, que esse novo componente propõe apenas a continuidade da sistematização de conhecimento ali iniciada. Tal sistematização tem a predominância da forma escrita, mas não descarta que outras possibilidades sejam incorporadas ao trabalho, a exemplo de registros fotográficos ou audiovisuais.

Será muito importante que você perceba que o seu trajeto já traz experiências muito significativas para a produção do seu projeto e do seu TCE. E que, embora a experiência do estágio III seja escolhida quase sempre como predominante para a narrativa, ela sintetiza seu importante percurso, seu trajeto.

Via de regra, a produção escrita, a elaboração de um projeto de TCE é um ato solitário. Parece contraditório que tenhamos que ficar a sós para refletir sobre a arte de fazer e de ensinar teatro, gregária por natureza. Mas, se não fizermos isso, como vamos poder deixar o legado da nossa experiência? Como vamos poder compartilhar com possíveis pessoas interessadas a natureza daquilo que foi feito por nós? Como vou poder dar prosseguimento à arte de ensinar teatro, de produzir conhecimento, de produzir ciência, de um modo próprio, específico, genuíno?

Temos que ter em mente que, mesmo que tenha feito determinada escolha temática para dissertar no meu TCE, similarmente às que outras pessoas também já fizeram, a minha experiência, o meu trajeto será sempre distinto. É nesse fato que você deve encontrar a primeira motivação, deve concentrar-se.

É muito importante que o seu TCE possua uma ênfase na experiência prática. É exatamente a descrição desta experiência, do seu trajeto, que mais interessa à interlocução.

Por isso, o projeto e o TCE não é apenas um relatório, pois deve trazer diferentes vozes: **primeiro**, a sua voz como narradora ou narrador; **segundo**, as vozes das autoras, dos autores, que, inclusive, já publicaram os textos que você leu (a parte epistemológica), mas também de integrantes, de participantes das oficinas, dos estágios, das conversas com colegas; **terceiro**, demais referências que foram abordadas por você, descrição das situações vividas, dos imprevistos, das boas surpresas (a parte empírica). Enfim, quanto mais vozes estiverem em diálogo com a narração, com você, tanto mais profundo tende a ser o seu projeto, o seu TCE.

O projeto político pedagógico deste curso de licenciatura EAD possui a regulamentação do TCE que está disponível neste link: https://escola-de-teatro.cdn.prismic.io/escola-de-teatro/2551ff6f-5f3b-4cab-ab8e-27b134e65cb9_PROJETO-PEDAG%3%93GICO-LICENCIATURA-EADpdf.pdf.

Cabe destacar, aqui, alguns destes aspectos regulatórios: “A disciplina TCE é oferecida para discentes que cursam o VIII Semestre do curso, com carga horária total de 68h. É indicado ao discente que curse esta disciplina após a realização de todas as disciplinas de Estágio Supervisionado (I, II, III)”.

A elaboração do projeto, por meio desse componente, tem como principal propósito tornar essa experiência futura o mais bem sucedida possível. Por isso, a necessidade de “projetar” o que será escrito. Para que seja, também, possível escolher com propriedade a pessoa que vai orientar o TCE, assim que o projeto for considerado aprovado. Assim, está escrito no Plano Político Pedagógico (PPP) (p. 133): “o TCE terá como produto final a elaboração de relato crítico-analítico com o mínimo de 12 laudas. Deverá conter: Introdução com o Horizonte teórico de referência da experiência. A seguir, os Objetivos da vivência e exposição da Metodologia utilizada para a realização de tal experiência, incluindo Descrição do contexto e dos Procedimentos. Após isso, apresentar os Resultados observados e as Considerações tecidas a partir dos mesmos. O texto do relato precisará refletir, necessariamente, acerca de uma das experiências vivenciadas, ou mais de uma, das disciplinas que possuem a nomenclatura ‘Estágio Supervisionado’”.

Então, chegou a hora de dedicar-se à **Elaboração de Projeto de Pesquisa**.

É necessário que seja destinado um tempo a cada semana para a escrita. A produção de um projeto de TCE requer idas e vindas, repensar, reescrever. É preciso dispor

de tempo para aprender a dominar as normas de diagramação do texto, as normas de citação, previstas pelo manual de estilo acadêmico da UFBA, sempre em consonância com as atualizações propostas pela ABNT. É preciso fazer revisão normativa e ortográfica. Não é uma tarefa que possa ser cumprida em pouco tempo. Procure salvar sempre a última versão do seu trabalho. Envie por e-mail, salve em uma mídia externa ao computador, salve na nuvem. Não dê chance para as fatalidades, que podem prejudicar o andamento dos trabalhos.

Primeiro, preocupe-se em deixar a escrita fluir, utilize distintos procedimentos: pode usar um gravador para registrar de modo espontâneo suas impressões, suas experiências, suas narrativas. Caso você se sinta mais confortável explicando as suas percepções por meio oral, praticamente todas as ferramentas de escrita digital (Word, Google Docs, etc) possuem uma opção de ditar por voz e até de transcrever, o que pode facilitar a sua escrita. Depois que o próprio sistema fizer as anotações daquilo que você comunicou por meio da voz, é só reler o texto e adequá-lo à linguagem escrita.

Faça distintas perguntas a serem respondidas. Não se permita a imobilidade, a estagnação. Procure uma pessoa próxima, converse, apresente seu texto. Indague se compreendeu.

Vamos precisar de todo entusiasmo e dedicação.



Imagem: Freepik

Unidade Temática I - Como se caracteriza a pesquisa em artes, nas artes cênicas e no ensino do teatro?

Lembram que, por meio do componente curricular Metodologia da Pesquisa em Teatro, foi possível conhecer a classificação dos tipos de conhecimento? Mítico, religioso, conhecimento filosófico, popular ou senso comum, estético e científico? E que, depois, foram apresentados os conceitos de método dedutivo e indutivo? (Oliveira, 2023, p. 13-19).

Perceberam que a discussão em torno da produção de conhecimento, da produção de trabalhos acadêmicos tem seu lastro, suas referências, nas áreas das ciências humanas?

A importância do conhecimento científico está relacionada à sua capacidade de gerar conhecimento confiável e útil para a sociedade, permitindo o avanço do conhecimento em diversas áreas, como a medicina, a engenharia, a física, a química, a biologia, a psicologia, entre outras, e contribui para o desenvolvimento de novas tecnologias, a melhoria da qualidade de vida e a resolução de problemas sociais (Oliveira, 2023, p. 16, grifo nosso).

Por afirmações dessa natureza, por sermos considerada uma área de conhecimento entre outras, é que proliferam reflexões como essas, que são feitas mundo afora nas publicações que tratam da produção de conhecimento. Por isso, em contraposição à afirmação, surge uma indagação que tem muita relevância para o nosso contexto: como pesquisamos, como produzimos e sistematizamos nosso conhecimento na área de artes, nas artes cênicas, na especificidade do ensino do teatro?

Kathleen Coessens, em 2014, escreveu um artigo intitulado “*A arte da pesquisa em artes: traçando práxis e reflexão*”, que traz importantes considerações a esse respeito. E já inicia suas reflexões com a seguinte proposição:

O principal desafio da pesquisa artística é então, construir uma cultura de pesquisa que faça a diferença, tanto no campo da pesquisa, como na sociedade. Isso significa participar no campo mais amplo da pesquisa, mas a partir de sua própria perspectiva, por um lado resistindo à competitividade econômica, enquanto, por outro lado, representando valor para o desenvolvimento da cultura e da educação (Coessens, 2014, p. 2).

Dialogar com “outras culturas de pesquisa” é outra proposição feita por ela. Mas como isso pode acontecer na esfera do ensino do teatro? Alguns anos antes dessas reflexões de Kathleen, pesquisadores brasileiros reuniram-se na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em 2003, para o III Congresso da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE). E, logo depois, publicaram o livro *Metodologias da pesquisa em Artes Cênicas*, cujas reflexões já vinham sendo sistematizadas desde a criação da Associação, em 1998, embora sejam bastante antigas. Interessa-nos, nesse contexto, particularmente as reflexões que foram publicadas no artigo “*Abordagens metodológicas do teatro na educação*” de autoria de Koudella e Santana (2004 *apud* Carreira *et. al.*, 2006, p. 63-76), feitas no âmbito do Grupo de Trabalho *Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação*. A autora e o autor chamam atenção para um importante aspecto, quando pesquisadoras e pesquisadores da educação passam a procurar aporte nas práticas desenvolvidas por docentes de teatro, invertendo uma tradição de docentes de teatro buscarem profissionais de educação. Ambos estão apenas chamando atenção para o grau de consolidação que a área do ensino do teatro havia conquistado. E, 20 anos depois dessa constatação, é ainda mais fácil verificar a grande expansão das práticas relacionadas ao ensino do teatro. A criação desse curso de Licenciatura EaD da Escola de Teatro da UFBA pode ser tomada como um importante desdobramento dessa previsão feita há 20 anos. Além, claro, de prever também as várias discussões que nos ocupam ainda hoje com intensidade.

A pedagogia do teatro tem como referência teorias contemporâneas de estudos críticos culturais como o desconstrutivismo, o feminismo e o pós-modernismo. Neste tipo de teatro, educadores e alunos empregam convenções que desafiam, resistem e desmantelam sistemas de privilégio criados pelos discursos dominantes e práticas discursivas da moderna cultura do ocidente. [...] A escolarização, a cultura e a economia no novo milênio vão exigir dos educadores brasileiros uma reavaliação de suas percepções rotineiras (Koudella; Santana, 2004 *apud* Carreira *et al.* / 2006, p. 74).

Especialmente, essa acepção das “percepções rotineiras” é muita cara no contexto da produção de um projeto de TCE e do próprio TCE. Pois, como salientamos anteriormente, relaciona-se ao trajeto de cada estudante/docente.

Quanto aos métodos descritos por Oliveira (2009), indutivo e dedutivo, cabe também outra indagação: A indução e a dedução aplicam-se aos fazeres artísticos? Aplicam-se à produção de conhecimento relacionado aos processos de ensino do teatro? Ou há outros possíveis métodos que possamos considerar quando produzimos arte e ciência? Pouquíssimas vezes mencionadas nos textos que tratam dos métodos, das metodologias de pesquisa, o conceito de abdução foi apresentado e discutido, entre muitos outros autores e autoras, por Thomas A. Sebeok e Jean Umiker-Sebeok, numa publicação que organizaram com Umberto Eco (2004), cujo título do artigo é “*Você conhece meu método*”. Apresentam reflexões de Charles Peirce, importante autor conhecido por sua contribuição ao conceito de semiologia. E referem-se ao modo de produzir conhecimento como sendo um “singular estilo de suposição”. Afirmam que, quando relatamos as experiências científicas, quando somos desafiados a escrever um TCE, por exemplo, o que fazemos é um “cogitar de hipótese”, “à qual Peirce se refere mais comumente como abdução (que, ao fim de contas, não é senão uma conjectura) ou retrodução”. Ou seja, o pensamento científico é descrito por ele “como uma salada peculiar, cujos elementos-chaves estão em sua falta de fundamento, sua ubiquidade e sua confiabilidade” (Eco; Sebeok, 2004, p. 19). Certamente, essa acepção de fazer pesquisa adequa-se muito mais ao modo como procedemos nas artes – consequentemente, ao modo como pesquisamos, discutimos e sistematizamos as experiências que envolvem o ensino do teatro. Ao observarmos um determinado fato, uma determinada experiência, como aquela da realização de um estágio por exemplo, descrita, depois, na forma de um TCE – que, talvez, não tenha o mesmo impacto e repercussão que uma das grandes descobertas científicas que se balizaram no princípio da indução e da dedução, mas que deve possuir sua força própria:

Olhando através de minha janela, esta linda manhã de primavera, vejo uma azaléa em plena floração. Não, não! Eu não vejo isso, embora seja essa a única maneira que eu tenho para descrever o que vejo. Isso é uma proposição, uma sentença, fato, mas apenas uma imagem, a qual torno parcialmente inteligível por meio de uma enunciação do fato. Essa enunciação é abstrata: o que vejo, porém, é concreto. Realizo uma abdução quando procuro expressar em uma sentença algo que vejo. A verdade é que todo edifício do nosso conhecimento é uma estrutura emaranhada de puras hipóteses, confirmadas e refinadas pela indução. O conhecimento não pode avançar nem um pouco além do estado do olhar que observa despreocupado, se não se fizer, a cada passo, uma abdução (Eco; Sebeok, 2004, p. 20).

Nesse sentido, precisamos compreender que o nosso lugar na produção de conhecimento não pode e nem deve estar vinculado aos modos canônicos previstos nos discursos

que incorporam os métodos, as metodologias mais tradicionais. A concepção trazida por Peirce, mesmo não sendo tão disseminada, mesmo não sendo um conceito tão largamente difundido, no nosso entender e na nossa experiência como artista, como pesquisadora e como docente, soa como libertadora. Pois tinha sempre a sensação de que vestíamos uma roupa que não se adequava quando tentava compreender os modos, as regras para produzir um determinado texto acadêmico, especialmente no início da vida na Universidade, que fosse fruto da própria experiência. Isso, em um tempo em que escrever na primeira pessoa, por exemplo, não era recomendável. Em um tempo em que sujeito e objeto deveriam andar separados. Quando a concepção sujeito-trajetos-objeto, trazida pelas discussões no âmbito da disciplina chamada etnociência ainda não havia sido apresentada. Por isso, necessário crer na defesa de que existe outro caminho para a produção científica e que a

Abdução, ou o ‘primeiro degrau do raciocínio científico’, bem como o único tipo de argumento que inicia uma ideia, é um instinto que confia na percepção inconsciente das conexões entre os aspectos do mundo, ou usando outro conjunto de termos, é a comunicação subliminar de mensagens. Está também associada, ou, melhor, produz, de acordo com Peirce, um certo tipo de emoção, que a coloca à parte, tanto da indução como da dedução (Eco; Sebeok, 2004, p. 23).

Escrever um trabalho acadêmico, como o que é proposto através deste componente curricular, é pactuar com muitos outros conceitos, além desse de abdução. É preciso confiar “na percepção inconsciente das conexões entre os aspectos do mundo” (SEBEOK; SEBEOK, 2004, p. 23), como propõe Peirce. Hoje, são muitas as acepções em torno do tema pesquisar, que certamente foram abordadas ao longo dos encontros que um curso de licenciatura em teatro como este promove. E certamente muitas dessas formas foram adotadas, direta ou indiretamente, nos fazeres de vocês, em seus trajetos. Um TCE não precisa descrever com minúcia a natureza conceitual dos procedimentos, pois a própria descrição do procedimento já traz consigo esta própria acepção. Gerhardt e Silveira (2009) organizaram uma obra que se intitula *Métodos de pesquisa* e a organização do sumário, reproduzida aqui livremente, dá uma dimensão das muitas possibilidades que estão em torno da produção escrita no ambiente acadêmico. **Tipos de pesquisa:** qualitativa? quantitativa?; **Natureza da pesquisa:** básica? aplicada?; **Objetivos da pesquisa:** exploratória? descritiva? explicativa?; **Procedimentos da pesquisa:** experimental?, bibliográfica? documental? pesquisa de campo? *ex-post-facto*? levantamento? com *survey*? pesquisa participante? pesquisa-ação? etnográfica?

etnometodológica? Escrever um TCE, fruto de um trabalho de pesquisa, é registrar de maneira crítica uma experiência vivida, procurar sintetizar o que foi praticado, observado, o que foi analisado, o que foi realizado, o que foi lido, o que foi avaliado, o que foi dito, o que foi experimentado, o que foi etnografado, o que foi entrevistado, o que foi discutido, o que foi registrado, o que foi bem-sucedido, o que foi mal sucedido, o que foi fotografado, o que foi filmado. O texto de um TCE deve possuir este caráter de referir-se ao que já foi feito.

E para que essa tarefa seja cumprida com êxito e com tranquilidade é que o projeto de TCE deve conter a estrutura dessa narrativa, deve organizar previamente essa narrativa. Pensar no formato do texto que será escrito, nas distintas partes desse texto. Apontar desde já para as possibilidades de escolha sobre o que será escrito por cada uma e por cada um de vocês. Relacionar quais os autores, os temas, os conceitos, os tipos de ações pedagógicas e artísticas que farão parte do texto. Fazer uma proposição de sumário ou da divisão do texto do TCE. Fazer uma caracterização detalhada do ambiente onde o estágio foi ou será realizado. Deve mencionar as características da ação pedagógica contida nos planos de aula, sua estrutura ou os resultados artísticos da ação, se for o caso.

É importante fazer perguntas/provocações que possam estimular a escrita de um projeto. Por essa razão, ao longo desses anos acompanhando estudantes da licenciatura em seus trabalhos de conclusão, fizemos um apanhado de anotações que reproduziremos a seguir, com a esperança de que elas possam contribuir na finalização do projeto de TCE. Ao mesmo tempo, ilustraremos as indagações e incluiremos trechos de projetos de estudantes que já cumpriram esta importante etapa, como uma forma de ter um espelhamento, ter um exemplo.



Imagem: Freepik

Unidade Temática II - Recuperando e prosseguindo: as partes integrantes de um projeto de TCE

Tenha ou não elaborado um projeto no componente metodologia da pesquisa em teatro, fazemos considerações que podem contribuir para etapas que se seguem. Diante de cada indagação, consideração, procure verificar se elas se aplicam ao seu texto. É comum que entre a produção da primeira versão de um projeto e o objeto final, haja mudanças significativas ou pontuais. Como mencionamos anteriormente, o estágio 3 costuma ser a prática mais escolhida para ser descrita em um TCE. Mas isso não significa que o projeto não possa ser feito de um modo muito bem fundamentado, mesmo antes da realização desta etapa dos estágios.

Recupere os escritos que você já possui, com base nas partes que um projeto deve conter a partir dos *templates* existentes. Se você escreveu o projeto e mudou seu tema, sua abordagem, ainda assim é possível adaptar a estrutura para a nova situação, para a nova escolha.

Lembre-se que essa continuidade deve levar em conta ainda os mesmos procedimentos adotados anteriormente, tais como as partes que antecedem o texto (sumário, resumo, lista de figuras, lista de siglas, entre outras possibilidades), a divisão em distintas partes, o atendimento às normas.

2.1 Sobre a Apresentação

Como já mencionado anteriormente, as motivações que levam à escolha do tema do TCE, o seu trajeto, é sempre muito relevante para compreender o texto que será elaborado. E este é um momento importante, pois, via de regra, está no início do projeto. A apresentação das motivações, contudo, não devem estar desvinculadas da descrição

do tema escolhido. Pois escrever sobre si leva aos muitos caminhos que percorremos. E, nessa parte, como nas demais, a capacidade de síntese é muito importante.

*Sou uma artista, educadora e pesquisadora que tem se dedicado a buscar a centralidade africana em todos os processos humanos, a interdisciplinaridade da minha formação e meus caminhos profissionais têm me instigado na construção de princípios que alimentam o meu fazer. Então, busco atrelar as experiências civilizatórias africanas nas atividades que desenvolvo, não somente como parte de minha silenciosa militância, como também, a responsabilidade e compromisso com o povo ao qual faço parte. Esta compreensão carrego também no meu fazer artístico com a Companhia de Artes Elementos e agora posso experimentar como uma iniciativa prática, o que me permite compreender ou perceber como interseccionar as artes com a luta contra o racismo (Juliana Monique de Souza de Araújo, **Contar histórias e desbravar o mundo: reativação de valores ancestrais através práticas educacionais em teatro negro**, 2023).*

*Me interesse pela leitura desde criança. Tive o privilégio de crescer em um lar cercado por livros e estudar em uma escola com uma biblioteca rica, onde eu passava o horário do intervalo com maior prazer. A leitura acompanhou meu desenvolvimento e me abriu muitas possibilidades. Através dos livros eu pude viver de maneira mais privada várias histórias e vivências. Através do teatro eu passei por processo semelhante, com a diferença de ser compartilhado com outras pessoas. E quando faço essas afirmações, não digo somente no âmbito do entretenimento, mas também de aprendizado, enxergando o mundo com outros olhos sem abdicar de mim, permitindo que todas essas visões conversassem gerando uma nova visão. Acredito na mesma percepção de Cilene Canda (2020), atriz, professora da Faculdade de Educação da UFBA e doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, que afirma que o contato entre a palavra escrita e a cena proporciona que a pessoa entenda o mundo através de sua própria lógica, como se ela mesmo tivesse escrito ou encenado. Então enquanto eu cursava o componente Estágio Supervisionado II, tive a oportunidade de elaborar um projeto que unia o teatro com a leitura. Concluí, após observações de algumas aulas da turma do 5º ano do Colégio Estadual Monsenhor Manoel Barbosa, que pelo fato do professor focar no trabalho com texto sobre os valores trabalhados na escola, era possível a associação deste processo com o meu interesse (Vinicius Nogueira de Santana, **Teatro e leitura: caminhos possíveis de criação**, 2003).*

2.2 Sobre a Introdução

Como primeira provocação pergunto: como você descreveria, já de início, após abreviar seu percurso biográfico, seu tema, seu objeto, seu recorte? Vamos ver esse exemplo:

*Tenho como objeto de pesquisa o teatro documental e a memória. Assim, farei reflexões sobre o conceito de teatro documental e seus procedimentos a partir das experimentações cênicas realizadas com adultos, jovens e idosos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Municipal Santa Bárbara, localizada em Vila Ruy Barbosa, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, entre abril e junho de 2023. De maneira que esta experiência e projeto surgem como um subsidiador de um significativo desenvolvimento da minha pesquisa e da minha prática docente exercida durante esses quase cinco anos de graduação. Por outro lado, também como um ponto de continuação nas inquietações investigativas (Artur Carvalho Aranha de Jesus, **Memória em movimento: a oralidade para contar, recontar e inventar teatralidades na Educação de Jovens e Adultos**, 2023).*

A partir do exemplo acima, podemos reconhecer, também, que se faz importante, no campo da introdução fazer uma apresentação breve daqueles conceitos que lhe serão caros ao longo do trabalho, a fim de trazer o leitor para junto de suas compreensões. No trecho trazido, por exemplo, seria importante traçar um caminho que apresentasse os conceitos de teatro documental e de memória para facilitar a explicação seguinte do problema da pesquisa.

Cabem, então, as perguntas: a partir de quais conceitos, de quais autores você fará a discussão? Os conceitos, assim como as referências, devem aparecer logo, de modo ainda sucinto, na introdução. Como entra, aí, a sua experiência acadêmica e pedagógica, toda a teoria vista por você ao longo desses anos? Como essa experiência pode estar ou ser relacionada ao método da pedagogia com a sua escolha temática e como vai se configurar esta pedagogia? Poderia citar alguns poucos exemplos de ação já desenvolvidas por você e por outras pessoas neste sentido? Tem autores e autoras que podem dialogar com você sobre esta investigação de modo mais específico, relacionando experiências já realizadas nesta seara, além das publicações possíveis de serem citadas? Outras experiências empíricas, outros TCEs, TCCs, dissertações de mestrado ou teses de doutorado que foram escritas sobre este tema?

Ainda na Introdução: E o problema da pesquisa, como pode ser brevemente descrito? O problema pode ser apresentado de forma interrogativa ou não. Você acredita que este trecho abaixo reproduzido consiga expor o problema da pesquisa? Como você descreveria de modo breve a motivação, a indagação que te provoca a escrever seu TCE? Além da formulação do problema, quais são as perguntas que você quer responder com a sua investigação?

Nessa perspectiva, ao elaborar um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso a partir de uma experiência no Ensino Fundamental 2, apresento como tema central de interesse para a minha pesquisa “A máscara de teatro: elemento potencializador das emoções nas práticas de

*ensino de teatro”. Exponho as seguintes perguntas norteadoras desse projeto: de que maneira as máscaras de teatro instigam as emoções primárias? De que modo a máscara de teatro potencializa as emoções nas práticas cênicas em sala de aula? Como ela pode constituir uma experiência educativa em teatro? (Rosângela dos Santos Valverde, **A máscara de teatro: elemento potencializador das emoções nas práticas de ensino**, 2003)*

Para concluir a Introdução: E a partir daí, como você pensa em estruturar seu artigo, sua monografia? Tente elaborar e apresentar desde já um sumário expandido, um breve texto que descreve a estrutura do TCE. Que tipo de considerações serão feitas na primeira parte do trabalho e nas demais? Caso sim, quais são e quais as ideias deles ou delas que vão colaborar para o seu texto/discussão? Como essas indagações vão contribuir para estruturar as outras partes do seu texto de TCE? Qual o lugar da sua experiência prática nas reflexões, no texto a ser produzido? Qual a discussão que será realizada neles? A partir de que material, de que forma eles serão elaborados? Tudo isso já deve aparecer, em linhas gerais, na introdução. Quais serão, em linhas gerais, as técnicas, os métodos que você utilizará para conseguir os resultados que serão descritos no TCE? A prática, a oficina, pode e deve ser mencionada na Introdução, mas para esclarecer como estes procedimentos vão colaborar para a escrita do texto final do TCE e não como um “relatório de estágio”. No que se refere à problematização, como reiterar as perguntas a serem respondidas? Precisamos de mais perguntas? Por que demais estudantes de graduação em licenciatura precisam ter conhecimento sobre sua abordagem? Qual a função da sua prática para o desenvolvimento das pessoas que participam da sua proposta? Em que o conhecimento dos recursos propostos por você pode contribuir para o desenvolvimento de futuras ou futuros professoras e professores de teatro/artes? Quais os tipos de conhecimentos implicados na abordagem deste assunto? Qual a relação deste tema com os demais conhecimentos desenvolvidos pelo ensino de teatro? Esses aspectos que merecem aprofundamento na justificativa podem ser abordados de modo breve na introdução. Verifique o papel das citações neste contexto da introdução, para não alongar demais a discussão em torno de apenas um aspecto. Mencione os conceitos e quais são os princípios básicos, usando paráfrase e sistema autor/data. O que é que, em linhas gerais, descreve em sua teoria e como isso vai se aplicar ou ser modificado na sua experiência?

Vamos ler mais exemplos de estudantes que já escreveram?

Trarei as minhas vivências com o teatro enquanto aluna, arte-educadora e pesquisadora. E uma abordagem geral do tema e das principais fontes de pesquisa. b) O desenvolvimento: – Teia do Conhecimento (Conhecer) – Abordarei a fundamentação teórica, das

metodologias utilizadas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas realizadas e a abordagem do tema da violência de gênero. – *Observação (Analisar)* – Será feito o diálogo com pesquisas já realizadas tendo como base o *Teatro do Oprimido*, *Teatro das Oprimidas*, *a Educação Feminista* e a abordagem das temáticas voltadas à violência de gênero trabalhada no âmbito escolar. – *Provoc-Ações (Transformar)* – Será feita a costura entre os relatos de experiências das estudantes e dos estudantes participantes das aulas/oficinas, com as minhas experiências ao ministrar as aulas/oficinas por meio das sistematizações já realizadas, da utilização dos diários de bordo e memoriais feitos durante os processos tanto dos participantes quanto os registros feito por mim. A partir dos relatos apresentados e o diálogo com as teorias apresentadas no capítulo anterior, será realizada a verificação do grau de envolvimento dos participantes e como as aulas/oficinas impactaram suas vivências, se houve reconhecimento de si, do papel que cada um ocupa na cadeia das opressões, seja como oprimido ou como opressor. c) *Conclusão*: Aqui apresentarei um parecer sobre os processos e as suas reverberações em minha formação enquanto arte educadora, “artivista” e pesquisadora, bem como apontarei possíveis caminhos de continuação desta pesquisa em outras instâncias almejadas por mim como o mestrado com foco na educação feminista por meio da utilização das técnicas do teatro do oprimido e do teatro das oprimidas. Para fundamentação teórica será utilizada a pesquisa bibliográfica que considerará títulos de livros e artigos relacionados às metodologias para o ensino do teatro, tendo como principais referências: *Teatro do Oprimido* (Augusto Boal – 2008, 2009 e 2013), *Teatro das Oprimidas* (Bárbara Santos - 2019), *Jogos e Improvisação* (Viola Spolin - 2001 e 2006), *Metodologia do Drama* (Beatriz Cabral - 2006) e *a Abordagem triangular* (Ana Mae Barbosa- 2010). Na área da *Educação e Feminismo*: Paulo Feire (2018), Bell Hoops (2018), Simone Beauvoir (2008) e Chimamanda Adichie (2014 e 2017). (Jindiane Silva de Oliveira, **O Teatro do Oprimido e as reflexões sobre as opressões de gênero**, 2023).

No primeiro capítulo, abordarei uma discussão sobre o ensino do teatro para a formação através das oficinas, amparado nos discursos dos estudiosos como: Boal (1991, 2015) Brecht (1978, 2012) Dário Fó (2011), Stanislavski (1994), Gohn (2005,2006), Berthold (2000), referente aos espaços não formais de ensino. Nesse processo de estudo serão levantados aspectos históricos conceitos e práticas com relação ao ensino do teatro nos espaços não formais da nossa cidade. Posso citar o *Teatro Vila Velha* como primeira casa voltada para essa formação, o *Serviço Social do Comércio (SESC-BA)* e *Centro Cultural Ensaio*, instituições que têm destaque nesse conceito do ensino das artes, em especial a do teatro na área de educação não formal. O segundo capítulo trará um estudo acerca do teatro documentário, partindo do discurso e prática de Psicador (1925), abordando toda a sua teoria política, didática e pedagógica e suas possibilidades pedagógicas tendo como recursos teóricos a tese de Marcelo Soler (2010) e Davi Giordano (2014). O quarto e último capítulos seguirá a partir das minhas práticas, descrevendo sobre a metodologia e experiência na oficina desenvolvida no estágio III, onde abordarei toda a experiência vivenciada (Luiz Augusto dos Reis, **Contando Histórias Para Despertar Gente Grande: O teatro documentário como fio condutor da oficina, a prática e o treinamento do ator para a cidadã e o cidadão comum**, 2022).

2.3 Sobre os Objetivos

Quais são os objetivos relacionados ao TCE propriamente dito? Você poderia dizer como pretende alcançar esses objetivos com mais detalhes? Transformar os tópicos em texto com exemplos de citações, de experiências que foram ou serão realizadas para discutir o problema escolhido por você? Como os objetivos vão refletir as leituras dos autores que devem ser mencionados por você e como elas vão influenciar na preparação das aulas a serem ministradas, que tipo de experiência será desenvolvida, que tipos de exercícios serão aplicados, com que finalidade? Dá para citar uns poucos e breves exemplos? Que autores fazem propostas de exercícios e de ações artísticas a serem aplicados para se alcançar seus objetivos? De sua experiência, o que será recuperado, o que será aplicado/escrito? Quais as obras sobre o tema escolhido que vão te inspirar? Como caracterizar participantes que podem experimentar sua metodologia em relação aos objetivos a serem alcançados? Aqui neste tópico descreva também de que forma os objetivos serão cumpridos: por exemplo, se o propósito é fazer uma discussão sobre a importância do teatro de animação, tem que dizer a partir de que autores, de que ideias isso será feito, dando exemplos a partir de citações, de paráfrases. Para alcançar os objetivos relacionados à prática pedagógica, tem que evidenciar como isso vai acontecer, como se estruturará o planejamento, em quanto tempo, enfim, como você vai conseguir escrever sobre isso. Os objetivos devem levar em conta como você vai conseguir escrever o texto sobre este tema. Não perca isso de vista. Tente visualizar o trabalho escrito em sua totalidade, mesmo ainda cheio de imprecisões.

Dica 1: Em trabalhos eminentemente práticos, como aqueles descritos por um TCE, é fundamental diferenciar quais são os objetivos da sua pesquisa e quais são os objetivos da sua atuação em sala de aula, pois não necessariamente eles são coincidentes. Um objetivo da pesquisa, por exemplo, poderia ser “investigar de que maneira o teatro de bonecos auxilia na percepção dos estudantes sobre as convenções teatrais”, mas esse é um objetivo que não se aplica a sala de aula. Por outro lado, o objetivo ‘apresentar a linguagem do teatro de bonecos aos alunos’ se caracteriza muito mais como um objetivo de sala de aula do que como um objetivo de pesquisa.

Dica 2: Preste atenção no verbo, utilizar o infinitivo vai contribuir muito, como nestes exemplos:

Apresentar e discutir diretrizes teórico metodológicas afro referenciadas para o ensino do teatro na educação, considerando a perspectiva de que elas signifiquem mudanças no processo de aprendizagem contemporaneamente, a exemplo da “Pretagogia”, por Sandra

*Pethit (2015). A discussão será feita com base na experiência da oficina ministrada por mim no Colégio Quilombola Doutor Milton Santos, em Jequié, Bahia, no ano de 2021, para crianças do Ensino Fundamental II e na Oficina “Como Você”, que ministrei remotamente para o componente Estágio III, que utiliza o conceito de interseccionalidade, de Carla Akotirene (2019) e que teve como resultado um material audiovisual homônimo, como narrativa motriz para se pensar este trabalho (Thiago Santos de Jesus, **Orientações negro referenciadas para pedagogia de teatro**).*

*Apontar e discutir possíveis caminhos fortalecedores através da arte-educação e metodologias de projeto de vida, que impulsionem desde o contexto escolar no ensino público, aos discentes obterem o sentido pertencimento e ocupação da comunidade negra e periférica da cidade de Salvador nos espaços da universidade pública, com o intuito de proporcionar o encontro entre a sabedoria popular e sabedoria acadêmica. Isso, através da pedagogia libertadora sistematizada por Paulo Freire, fomentando assim espaços de diálogos para construção de conhecimento críticos e trocas de saberes. Relatar as práticas metodológicas da educação libertadora, utilizando os jogos e exercícios teatrais de Viola Spolin e Augusto Boal, vivenciadas no contexto escolar da cidade de Salvador, realizada no Colégio Estadual Rotary com adolescentes e jovens do ensino médio. Promover espaços de diálogos através de lives nas redes sociais, proporcionando rodas de conversas para a troca de saberes entre a população periférica e a comunidade acadêmica da Escola de Teatro UFBA, com a finalidade de transmitir informações sobre as estruturas e saberes do curso de artes cênicas. Esses encontros já foram realizados de forma online, podendo assim expandir as informações para diversas localidades do Brasil. Traçar e discutir caminhos no contexto escolar do ensino público de Salvador, a partir das temáticas “De onde vim, onde estou e pra onde vou”. Para isso, utilizarei a escuta sensível, através da criação de espaços de acolhimento e diálogos que fortaleçam o processo de encorajamento, autoestima e autodeterminação dos estudantes negros e periféricos de Salvador (Brenda Nayla Santos Lima da Silva, **E a universidade não é pra mim? Tecendo caminhos fortalecedores através da arte-educação**, 2023).*

*O objetivo geral idealizado com essa pesquisa é o de dialogar sobre as potencialidades que possui o ensino de teatro a partir da contação de histórias, de narrativas (principalmente femininas) compartilhadas por estudantes do EJA. Através dele, alcançar o aprofundamento dos conhecimentos da contação de história, fazendo uma imersão na narrativa de muitas mulheres (também homens) que escrevem sobre a temática, desbravando terrenos por onde ainda não andei na Universidade, principalmente por referenciarmos, em regra, os mesmos autores. Para além de ler, ouvir mulheres e homens contadores de histórias, como por exemplo a vovó Cici, residente de Salvador, e Sotigui Kouyaté, griot e ator africano. Levantar conhecimentos e nomes que não estão comumente nas disciplinas das Universidades, mas que possuem capacidade de ensino e troca incrível, levantando-se mais vasta bibliografia a respeito (Elvira Flávia dos Santos Ribeiro, **Ensino de teatro através da contação de histórias: sabedoria popular e a ancestralidade no EJA**, 2022).*

2.4 Sobre a Justificativa

Neste trecho, é importante falar um pouco mais da necessidade de realização de uma pesquisa como essa para um curso de licenciatura. De modo geral, existem quatro perguntas que podem nortear bem uma justificativa: 1) Qual a contribuição pessoal dessa pesquisa? 2) Como essa pesquisa contribui com o campo da pedagogia das artes cênicas? 3) Como essa pesquisa pode contribuir com a sociedade? 4) Como essa pesquisa contribui com fundamentos para novas pesquisas no futuro? Mas outras perguntas também podem lhe ajudar a entender o conteúdo desse item do seu trabalho: qual a importância para as artes cênicas e para você, enquanto estudante e futura profissional do ensino? Já existem trabalhos realizados com essas características, tais como TCCs, dissertações e teses ou publicações que falem sobre este viés pedagógico. Caso sim, quais são eles? Como podem ser cruzadas as noções desses autores com a abordagem que você pretende desenvolver/aplicar/discutir? Em que o seu TCE vai se diferenciar destes trabalhos já escritos? Também é o espaço para colocar possíveis perguntas que o seu trabalho vai responder. Precisamos de argumentos do tipo: quais são as justificativas para a escolha do tema? O que justifica a necessidade de escrever um TCE sobre esse tema? Em que a discussão visa a contribuir para as teorias existentes sobre o ensino de teatro? O que justifica a escolha dos autores e autoras para a discussão? O que justifica a escolha dos métodos, dos procedimentos, que vão contribuir para escrever o texto do TCE? A justificativa constitui uma parte fundamental do projeto. É nessa etapa que você convence a interlocução (docentes examinadores e demais interessados no assunto) de que seu projeto deve ser realizado. Para tanto, deve abordar os seguintes elementos: a) delimitação, b) relevância e a c) viabilidade. **a) Delimitação** - Como é impossível abranger, em uma única pesquisa, todo o conhecimento de uma área, devem-se fazer recortes a fim de focalizar o tema, ou seja, selecionar uma parte num todo. Por limites. O que deve ser delimitado? - Área específica do conhecimento; - Espaço geográfico de abrangência da pesquisa; - Período focalizado na pesquisa. **b) Relevância** - Deve ser evidenciada a contribuição do projeto para o conhecimento e para a sociedade, ou seja, em que sentido a execução de tal projeto irá subsidiar o conhecimento científico já existente e a sociedade de maneira geral ou específica **c) Viabilidade** - A justificativa deve demonstrar a viabilidade da discussão, do método a ser utilizado, das técnicas a serem aplicadas, ou seja, a pesquisadora, o pesquisador mostra a possibilidade de o projeto ser executado com os recursos disponíveis.

A questão do HIV/AIDS não é somente de saúde pública e sim de educação e comunicação sem barreiras, pois ainda são reproduzidos estigmas e estereótipos preconceituosos, reduzindo tais pessoas apenas como um vetor de doença. Porém, percebi em algumas

*narrativas uma espécie de marcador excludente, quando ressaltam a sua condição indetectável. Tais posicionamentos terminam gerando distanciamento político e afetivo dentro da própria comunidade positiva. A supervalorização ao termo indetectável torna-se uma questão de status social, pois acaba estabelecendo uma relação de hierarquia para aqueles que conseguem alcançar a carga viral indetectável e por outro lado, alimentando o sentimento de incompetência para aqueles que não conseguem alcançá-la devidos a fatores sociais e psico-biológicos que impedem a adesão adequada ao tratamento antirretroviral. Portanto, esse TCC é importante para a ampliação dos diálogos sobre a sorologia positiva, já que o ponto de partida para iniciar as reflexões em torno da do HIV/AIDS e teatro foi a descoberta da minha sorologia positiva e vale destacar que tanto nas criações cênicas, como na construção do projeto de estágio prevaleceu a leveza no modo de abordagem da vivência com o HIV, tema silenciado tanto dentro da comunidade positiva como nas relações socioafetivas na sociedade, contribuindo assim para um melhor entendimento das questões vivências por pessoas que vivem com HIV/AIDS (Rozin Almeida Daltro, **AfetHIVidade em cena: os discursos hegemônicos relacionado ao HIV/aids através de um corpo soropositivo**, 2022).*

No ementário dos componentes curriculares do curso da Licenciatura em Teatro, ao pesquisar por “Educação de Jovens e Adultos” encontra-se apenas uma única bibliografia básica sobre o objeto aqui estudado. A dissertação de mestrado de Carla Meira (2009) é referência básica do componente curricular Laboratório de Práticas Pedagógicas II. A autora faz uma leitura sobre o letramento de jovens e adultos e as contribuições que o teatro pode fazer nesse processo. O trabalho foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Contudo, apesar dessa disciplina de laboratório, ter essa referência, foi constatado que não há nenhum outro componente que descreva em sua ementa ou referências básicas o nível de ensino supracitado. Em consequência, essa falta de inserção pode vir a provocar uma defasagem de ensino-aprendizagem no curso da licenciatura em teatro? Ou seja, pode comprometer a formação de professores de arte especialistas em teatro preparados para atuar na EJA? Portanto, penso na importância de trazer para a discussão, na perspectiva da pedagogia do teatro, um grau de ensino ainda pouco inserido na graduação em teatro da UFBA. Em uma breve pesquisa nos sites dos repositórios da Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual do Sudeste da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia, não se encontrou muitos trabalhos de pesquisas sobre o teatro documental e a educação de jovens e adultos em teatro. Como já citado, Luiz Buranga defendeu em seu trabalho de conclusão de curso, o teatro documental. Contudo, a aplicação à EJA não é comum de se encontrar. Desse modo, o diferencial da presente pesquisa, é aplicar um gênero teatral pouco explorado a um nível de ensino também pouco investigado. Para isso, cruzando estudos de Alberto Lins Calda (1999) no que diz respeito à técnica da pesquisa em história oral e do conceito de ficcionalidade – como explanado posteriormente; o conceito de Teatro Documental por Marcelo Soler (2008), no qual pretendo revisar a partir dos conceitos de Calda; e outros autores e autoras. Esses

*aparatos teóricos servirão para refletir sobre o seguinte questionamento: como elaborar uma metodologia do teatro própria para o ensino da EJA? (Artur Carvalho Aranha de Jesus, **Memória em movimento: a oralidade para contar, recontar e inventar teatralidades na Educação de Jovens e Adultos**, 2023).*

2.5 Sobre a Metodologia

A metodologia tem que descrever, passo a passo, como você vai fazer para realizar e escrever cada parte do TCE. Em um primeiro momento, é necessário pensar: Há dados a serem analisados? Documentos, fotos, diários de bordo...? Se sim, como eles serão analisados? Vai entrevistar os participantes? Como? Tudo isso precisa aparecer. Em seguida, serão descritos agora com mais minúcia, quais os autores e conceitos que serão discutidos, que vão dialogar com você em cada parte. Pensa na imagem de que você vai conversar com diferentes pessoas sobre este tema e depois vai relatar, vai escrever sobre essa conversa. Como se trata de uma conversa (na forma de texto) relativamente longa, tem que convidar algumas pessoas (incluindo aí os integrantes das oficinas/da experiência pedagógica, os depoimentos, as entrevistas, entre outras possibilidades). Depois tem que pensar como a experiência pedagógica vai ser refletida, vai se transformar em texto. Quais serão as diferentes fases e como elas vão contribuir para a discussão. O projeto de estágio pode ajudar muito nesta hora. A metodologia deve levar em conta a elaboração do TCE. A parte pedagógica é parte integrante da pesquisa que vai gerar o TCE, mas não é apenas isto. É algo que deve aparecer no projeto, ao citar e relacionar autoras e autores, dizendo de que forma suas obras vão colaborar com a sua investigação, com a sua discussão, enfim, com a elaboração do seu texto. A metodologia deve descrever, passo a passo, como você vai proceder para escrever o TCE. Tem que demonstrar, desde já a capacidade de síntese, a necessidade de optar pelas informações mais importantes etc.

Com o levantamento teórico realizado, inicia-se a fase prática do trabalho, composto no oferecimento de aulas de teatro junto ao projeto EJA, com estudantes jovens e adultos de variadas idades. Todas as pessoas envolvidas estarão cientes de que se trata de uma pesquisa acadêmica, mas que as suas histórias e intimidades jamais serão expostas com identificação, o que possibilita que a imersão delas seja plena e segura. A pesquisa proposta passa, necessariamente, pela análise de prática em sala de aula, já considerando o conhecimento adquirido a partir da fase anterior. Este é o momento de utilizar ferramentas importantes para o levantamento de dados e ideias, através de métodos, tais como: fichamento, diário de bordo, entrevistas, registros visuais de todo o processo (fotos e vídeos), bem como de experimentar diferentes possibilidades de técnicas teatrais, com o intuito de entender qual o melhor funcionamento prático dessas técnicas para

a abordagem que aqui se pretende. Através da elaboração de fichamentos dos estudos realizados, a pesquisa poderá ser explorada em tópicos que chamem a atenção para o presente objeto de estudo. O diário de bordo será feito sempre no dia seguinte à aula, registrando os momentos vividos e colaborando para a ampliação da pesquisa e dos pontos que se pretende explorar (Elvira Flávia dos Santos Ribeiro, **Ensino de teatro através da contação de histórias: sabedoria popular e a ancestralidade no EJA**, 2022).

A organização textual do trabalho de conclusão de curso será constituída por introdução, três partes de desenvolvimento, conclusão e anexos. Para fundamentação teórico-prático, destaco por enquanto alguns autores que darão suporte: Marcelo Soler (2010), com a sua pesquisa sobre o teatro não ficção, Conceição Evaristo e as ideias que movem as escrevivências e os pensamentos que envolvem o protagonismo juvenil a partir das pesquisas do educador Antônio Carlos Gomes da Costa (2006). Aos poucos venho me apercebendo dos entrosamentos que esta pesquisa tem me levado, primeiro de uma forma empírica, onde tenho trilhado por um caminho que começo a conhecer em seus verbetes e práticas, que outrora também tem suas descobertas no fazimento. Conceição Evaristo (s/d, em Cruz, 2017), veio me mostrando isso. [...] Os estudos de Novelly (2001) e Araújo (1974) movimentam as práticas com jogos teatrais voltadas para sala de aula, pensando em uma educação através do teatro. A propósito, se vê fundamental uma oficina para que o estudo cumpra o que se propõe. A oficina desenvolve no/a adolescente a possibilidade de criar a partir do corpo-memória, corpo-desabafo. Porém, para que isso aconteça, é essencial gerar consciência corporal desse corpo sob ação física. Ao redigir esse último capítulo pretendo norteá-lo através de relatório, diário de bordo e próprio planejamento de curso elaborado. Em anexo estarão os planejamentos, entrevistas na íntegra, fotografias, relatos, textos e outros materiais elaborados ao decorrer do processo (Eduardo Luís Sena Santos, **Desabafo cênico: uma poética com adolescentes**, 2023).

O objeto desta pesquisa surge do meu interesse pessoal em processos criativos desenvolvidos junto às crianças, estimulado pela leitura do texto “O teatro na educação infantil mediado pela contação de histórias”, da pesquisadora Flávia Janiaski e outras referências como os livros *As serpentes que roubaram a noite* e *Karu Taru*, do autor Daniel Munduruku, e a tese de doutorado de Ana Carolina Fialho de Abreu. Foram levados para a oficina jogos e exercícios teatrais baseados em propostas de Viola Spolin, Augusto Boal e Beatriz Cabral, com objetivos como o entrosamento, criação de laços afetivos, estímulo da criatividade e improvisação. Como referências de pesquisas que investigam processos de caráter colaborativo, trago as monografias de Fernanda Silva Dos Santos e Liz Novais *Além da necessidade de exercitar a criação coletiva de um texto teatral, sob uma perspectiva pedagógica, por se tratar de um curso de licenciatura*. Razão pela qual trago como lastro para o pensamento desta pesquisa o livro *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, de Paulo Freire. Junto a isso, pretendo discutir as estratégias usadas em sala de aula para a adaptação da temática, necessidade

*observada no momento em que os alunos e a coordenadora do grupo trazem a história do surgimento do GRUMAP, como parte das suas origens. Esta pesquisa será um estudo de caso de caráter descritivo e analítico a respeito da experiência já citada e contará com uma introdução, seguida de três capítulos de desenvolvimento, onde trago no primeiro a importância do trabalho artístico em ONGs e comunidades, outro capítulo trazendo um relato da experiência vivida, e um último capítulo contendo aspectos conclusivos (Victor Gonçalves Dos Santos, **Quando a história brada: processo de criação teatral com crianças do GRUMAP - Grupo de Mulheres do Alto das Pombas**, 2023).*

2.6 Sobre o Cronograma

Este é o último item, mas importante parte do seu TCE. Se você consegue fazer o cronograma, estará a um passo de ter a tranquilidade que precisa para cumprir os prazos de entrega. Pense que o cronograma de um TCE não é meramente ilustrativo. Pensou que você deve cumprir o que você estabelece como metas? Em cada tarefa daquelas que estão descritas na metodologia? Algumas tarefas podem ser feitas concomitantemente. Por exemplo, você pode fazer as leituras de textos que acha importante enquanto está desenvolvendo o trabalho de campo, as oficinas. Ou transcrevendo entrevistas, tabulando dados do questionário enquanto seleciona as imagens que vão ilustrar o trabalho. Pensou na organização diária, na organização semanal, na organização mensal? O cronograma tem que levar em conta os prazos da própria Universidade. Lembrou desse detalhe? Confirmou com a tutoria quais são estes prazos? Quem orienta o trabalho deve estar de acordo e pode ajudar muito. Não se esqueça que o cronograma deve constar distintas etapas que envolvem a orientação. Por exemplo, pensou no dia em que você entregará o texto, o tempo de leitura que a orientação vai precisar? Depois, pensou também no tempo em que a banca examinadora vai ler o trabalho? No tempo entre o encontro de qualificação até o dia da apresentação do seu TCE? Lembre-se, ainda, da necessidade de revisão do texto final, tanto a revisão normativa, quanto a revisão ortográfica/gramatical. Isso está previsto no seu cronograma? O TCE prevê ainda a coleta de dados? Análise e interpretação destes dados? A redação será feita em quanto tempo? E a revisão de normas? Está previsto a utilização de algum aplicativo gratuito ou pago para adequar o seu trabalho às normas? Já utilizou antes? Ou pensou em contar com alguém que possa ajudar nisso? Pensou no prazo de ajustes que, porventura, a orientação pode solicitar? Pensou nos termos de autorização e como vai conseguir, por exemplo, inserir fotos, depoimentos? As pessoas que deram depoimento e que deixaram-se fotografar ou filmar, deram autorização por escrito? No caso de envolver menores, conseguiu a autorização dos responsáveis? Existe a necessidade de imprimir e encadernar seu TCE? Incluiu no cronograma o roteiro de apresentação

do TCE, a preparação de slides? E depois que apresentar, que a banca avaliar, quais são as etapas que virão? Pensou nelas? De que modo o TCE vai ser disponibilizado digitalmente? Quem vai fazer a ficha catalográfica? Como será o encaminhamento para o Repositório Institucional, para que outras pessoas tenham acesso? UFA! Muitos detalhes, verdade? Por isso, o quanto antes você conhecer, mais tranquilidade terá.

Não esqueça de fazer visitas aos distintos repositórios, de distintas Universidades. Veja o modelo ou modelos de trabalhos escritos com os quais você mais se identifica. Não se esqueça que você é um artista e que a escrita criativa, a escrita performativa, pode te ajudar muito.

2.7 Sobre os Apêndices e Anexos

Também é preciso pensar se o TCE vai ter **apêndice** e **anexos**. Qual a diferença entre um e outro? **Apêndices** são textos ou materiais que você mesmo elaborou para o trabalho, a exemplo de planos de aulas, roteiros de entrevistas, o texto ou roteiro da encenação que foi feito para a mostra, outras fotos da mostra que não entraram no corpo do TCE. Já os **anexos** são aqueles documentos que foram mencionados por você mas que não foram elaborados por você, a exemplo do texto da BNCC, alguma Lei, dados estatísticos, entre muitas outras possibilidades, que servem para fundamentar o que você escreveu, para comprovar ou mesmo ilustrar: mapas, leis e estatutos são comuns nos anexos.

2.8 Sobre as Referências

E as **referências**? Até alguns anos atrás havia apenas as referências bibliográficas. Mas hoje devem ser mencionadas nas referências todas as fontes possíveis do trabalho, a exemplo de filmes, artigos em jornais e revistas, depoimentos, conteúdos das redes sociais como blogs e até conversas do WhatsApp. Para todas as referências há uma norma ABNT. E os manuais acadêmicos e a internet estão repletos de modelos e modos de fazer citações e de como referenciá-las. Por isso, não perca de vista esta importante forma de organizar seu texto. É uma ótima forma de não incorrer em plágio, pois a referência vai dirimir qualquer dúvida. Falando em plágio, você sabia que hoje existem muitos aplicativos que ajudam a submeter seu próprio texto para evitar esta situação? E que antes de entregar seu texto, você mesmo pode checar se houve algum uso ainda que involuntário?



Imagem: Freepik

Unidade Temática III - TCE: Trabalho de Conclusão de Estágio

Agora que você já fez o seu projeto de TCE e ele já foi aprovado, chegou a hora de planejar e escrever o seu Trabalho a partir da sua prática. Assim como no passo anterior, temos uma disciplina nos conduzindo nesse processo — a disciplina de Trabalho de Conclusão de Estágios – que tem, como conteúdo programático, “Estágios Supervisionados I, II e III articulados ao TCE. Relato crítico-analítico. Revisão bibliográfica. Normas ABNT”. Somado a isso, temos também algumas diretrizes presentes no Plano Político Pedagógico do curso:

Trabalho de Conclusão de Estágio (TCE): articulado aos Estágios supervisionados, os alunos iniciarão a reflexão sobre a pesquisa de conclusão do curso a partir do 6º semestre na disciplina Metodologia da Pesquisa, seguida de Laboratório de escrita monográfica, nas quais iniciarão conhecimento acerca de normatização, escrita acadêmica e elaboração de projeto de pesquisa. O TCE terá formato de relato crítico analítico, com no mínimo 12 laudas e acompanhamento de professor regente da disciplina, além de professor orientador. Terá regulamento próprio.

A elaboração de trabalhos acadêmicos, no âmbito dos cursos de graduação, constitui um dos requisitos para obtenção de titulação. A disciplina TCE é oferecida para discentes que cursam o 8º semestre do curso, com carga horária total de 85h. O TCE é articulado aos Estágios Supervisionados (I, II, III). Os alunos serão estimulados e orientados durante o curso para a importância da pesquisa para o desenvolvimento do tripé artista-docente-pesquisador.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro, o TCE terá como produto final a elaboração de relato crítico-analítico. O texto do relato precisará refletir, necessariamente, acerca de uma das experiências vivenciadas, ou mais de uma, das disciplinas que possuem a nomenclatura ‘Estágio Supervisionado’. O estudante de Licenciatura em Teatro de maneira crítica e reflexiva fará o relato do TCE atendendo às necessidades acadêmicas relacionadas à forma e ao conteúdo do produto final escrito. Para finalizar, com o objetivo de apresentar para a comunidade acadêmica na qual os discentes estão inseridos, haverá defesa pública para o exercício da oralidade e entrega da versão final.

Em um primeiro momento, todas essas indicações podem parecer informações demais, tornando-se um pouco assustador, mas, nesse momento, o seu projeto vai servir como uma rota para lhe ajudar a entender as partes que o seu trabalho terá e como você organizará a sua narrativa – além de todo o suporte que lhe ofereceremos por meio das aulas e desse e-book. Nem sempre a transição entre projeto e trabalho final é fácil, especialmente porque há a sensação de que só podemos levar as palavras ao papel quando todo o pensamento estiver organizado, mas aqui apresentaremos três passos fundamentais para começar a escrever o seu TCE mesmo antes de produzir o primeiro capítulo: ler e fazer fichamentos, anotações e considerações sobre todas as leituras; produzir diários de bordo e outros modos de registro da prática; reconhecer o seu sumário detalhado.

Tenho certeza de que já lhe solicitaram, em várias disciplinas, fazer fichamentos de livros. Mas o que é importante conter em um fichamento visando o TCE? É importante que você organize um fichamento de citações:

1. Abra um documento novo para cada texto lido;
2. Inicie o documento com as informações bibliográficas do texto: autor, título do trabalho, ano, revista, número de páginas, etc;
3. Em seguida, separe três colunas: a primeira para as citações que você julgar mais interessantes, a segunda para a página de onde a citação foi retirada (o que vai lhe ajudar muito na hora de escrever) e uma terceira onde você vai fazer comentários pessoais relacionando esse texto a outros textos lidos ou diretamente com o seu trabalho.

Figura 1 – Fichamento de livros

Citação	Páginas	Comentários
No centro de todos os seus trabalhos, está a concepção de que o significado é encarnado, ou seja, ele diz respeito a fazer em detrimento de dizer.	58	
"Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar - a cabeça, o rosto e sua expressão -, o mundo atrás dele, toda uma série de objetos e de relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele" (Bakhtin, 2010, p.21)	58	
Imagino esses dois indivíduos sentados cara a cara. Como duas personagens em uma peça de Beckett, não há indícios de que se movem. Bakhtin argumenta que qualquer posição assumida permite uma única perspectiva sobre o mundo a qual não pode ser simultaneamente vivenciada por outra pessoa. Tanto em termos de espaço como de tempo (é um "dado momento"), a situação é estática. O que ele chama de "todo concreto" pode ser diferenciado de um todo conhecido precisamente porque há "o lugar plenamente definido do contemplador, sua singularidade e possibilidade de encarnação" (Bakhtin, 2010, p. 22). O corpo assim descrito compartilha as propriedades básicas de qualquer objeto: ele ocupa um lugar particular em um determinado momento.	58-59	Acerca da situação estática, podemos relacionar que cada relação PO e AO é única

Fonte: Elaboração própria

Esses fichamentos são o primeiro passo para iniciar uma escrita ativa pois, a partir deles, você terá material para, a cada nova leitura, escrever um pouco do que você encontrou de mais relevante nela. E quando recomenda-se escrever um pouco sobre ela, não é somente fazer um resumo ou tentar colocar com as suas palavras o que você entendeu daquele texto: é escrever de que maneira o que você leu reverbera na sua pesquisa. Então, de maneira geral, aqui vai uma dica: a cada artigo que você lê, você pode escrever pelo menos dois parágrafos sobre como esse artigo se conecta com a sua pesquisa. Mas se você leu, por exemplo, um capítulo de um livro ou de uma dissertação, você pode escrever, no mínimo, três parágrafos. Se você leu um livro inteiro, seria interessante escrever, no mínimo, uma página. E essas indicações são sempre o mínimo, porque a ideia é que você escreva tudo que aparecer na sua cabeça e que você guarde esse material como um pontapé para a complementação da sua escrita.

Essa preparação prévia das referências vai permitir que você não se encontre naquela situação de não saber como ou por onde começar, já que você traçou conexões na medida em que estudava, tendo, aí, o seu ponto de partida – por isso, a importância de manter essas conexões reunidas, seja no formato físico, seja no formato virtual. Mantenha esses escritos ou todos na mesma pasta, ou todos no mesmo caderno. Cada pessoa conhece a sua melhor maneira de organizar. Mas mantê-los em um lugar que você sabe onde estão facilitará o seu fluxo de pensamento no momento da escrita: em algum momento, você, com certeza, vai lembrar de algo que você escreveu em outro momento e quão mais fácil tiver para você acessar esse documento, melhor.

Nessa mesma linha de pensamento em relação aos registros dos seus estudos, está o registro da sua prática de estágio – fundamental para o trabalho sobre o qual estamos falando. Sempre que estamos envolvidos com uma pesquisa, os momentos parecem tão fundamentais que acreditamos ser impossível esquecer o que se passou naquele dia. Mas a verdade é que, com a correria da vida, os detalhes dos acontecimentos e das experiências acabam se perdendo na nossa memória, restando somente uma vaga lembrança sobre o que ocorreu. E, nesses momentos, restam os registros que produzimos e que podem nortear não somente a nossa escrita, mas a nossa possibilidade de trazer a interlocução para mais perto daquela experiência.

O primeiro e mais conhecido desses registros é o diário de bordo: um caderno, bloco de notas ou documento no qual você registrará o dia a dia das aulas em que está envolvido, desde o planejamento das atividades para aquele dia, até a recepção de integrantes da proposta realizada. Esse é um hábito fundamental quando falamos de trabalhos práticos, especialmente dentro da licenciatura, pois as pessoas que lerão seu trabalho não estiveram dentro da sala de aula e quanto mais dados descritivos pudermos dar para que compreendam a situação ali analisada, melhor para o conjunto do trabalho.

Falando, ainda, dos registros produzidos exclusivamente por você, estão os desenhos usados para explicar algum conceito, as materialidades produzidas em aula, os instrumentos gerados para incentivar a criação etc. – todos eles necessários e bem-vindos no momento de trazer quem lê para junto da sua experiência. No mesmo sentido, a produção de registros fotográficos, audiovisuais ou mesmo em áudios (com a devida autorização de quem participou) é interessante para capturar falas, gestos, expressões que acontecem no momento da criação teatral.

Esses documentos primários, sem dúvida, serão a base da sua escrita, lhe fornecendo material fértil para compreender e desenvolver as questões da sua pesquisa. Ao mesmo tempo, quando bem tratados e selecionados, sendo incluídos em momentos pontuais, podem aparecer no corpo do seu TCE e fornecer mais complexidade a sua narrativa.

Feita, então, toda essa coleta de dados das suas leituras e da sua prática de estágio, chegou a hora de conversarmos mais profundamente sobre a comunicação da sua pesquisa, ou seja, o momento em que você vai escrever e apresentá-la. Mas, então, por onde começar?

Nesse momento entre a leitura das referências e o início da escrita, a produção de um sumário detalhado vai lhe ajudar a visualizar o que entrará em cada parte do seu trabalho – mesmo que você já tenha uma definição básica do que vai constar em cada capítulo (caso você não tenha, ofereceremos algumas ideias mais adiante). Mas, além disso, você precisa saber também o que é que vai constar em cada um desses capítulos, ou em cada parte da sua escrita. Exemplo:

- Introdução

1. Apresentação do tema
2. Apresentação da pesquisadora, do pesquisador
3. Delimitação do objeto de pesquisa
4. Pergunta de pesquisa e objetivos
5. Resumo dos capítulos

- Capítulo 1

1. Conceito A
2. Exemplo A
3. Conceito B
4. Exemplo B
5. Conceito C
6. Exemplo C

E assim sucessivamente.

Nesse momento, você pode, também, sinalizar onde estarão os links entre os assuntos e como você irá articular o texto para que ele faça sentido como um todo, ou seja, descrever em detalhes o que é que você vai fazer em cada um desses capítulos. Quando você conseguir descrever o que vai ter em cada um dos capítulos, você organizará uma espécie de tabela, na qual você poderá preencher lacunas. Então, tudo que você for escrevendo (mesmo aquelas relações que você apontou durante as leituras), você vai encaixar nessas lacunas.

Do mesmo modo que você vai visualizar tudo que já tem, você também vai perceber o que ainda precisa ser dito, o que está repetido, entre outros aspectos importantes. É claro que, no momento da escrita, vão aparecer coisas que você não previu, mas é mais fácil colocar essas coisas que você não previu do que partir do nada. Então, quanto mais detalhado você for nesse sumário, quanto mais você fizer um roteiro, melhor você vai conseguir ir preenchendo as lacunas até que o seu texto esteja pronto.

E aqui vem a segunda dica referente à organização no começo da escrita: tente não colocar, a priori, todos os capítulos no mesmo documento. Às vezes, se você bota tudo num único documento, as coisas ficam meio confusas. Então, a indicação é que você separe, que você faça um arquivo para a sua introdução, um arquivo para o seu primeiro capítulo, um arquivo para o seu segundo capítulo, um arquivo para o seu terceiro capítulo e um arquivo para a sua conclusão. Desse modo, você vai poder escrever na ordem em que as coisas lhe aparecerem, na ordem que você se sentir inspirado ou inspirada a escrever, sem necessariamente ter que seguir a ordem do seu sumário. Assim você vai conseguir ir escrevendo o seu trabalho de maneira mais fluida, a partir da sua necessidade e a partir do seu interesse. Pode ser que hoje você escreva duas páginas do primeiro capítulo e amanhã você escreva duas páginas da sua conclusão.

E a última dica é uma que muita gente discorda. Se você está com dificuldade de começar a escrever o seu trabalho, escreva a sua introdução. Muitas pessoas dizem que a introdução tem que ser a última coisa, mas, geralmente, nos trabalhos, a introdução é o momento em que você vai fazer um apanhado geral da sua pesquisa e vai explicar os motivos que lhe levaram a fazer aquela pesquisa — sejam os motivos pessoais, sejam os motivos acadêmicos. Essas primeiras apresentações do tema, de si e das questões da pesquisa podem lhe ajudar a identificar aquilo que é mais básico sobre a sua experiência.

Nessa etapa de finalização da graduação, muitos tipos de trabalhos são permitidos, mas, no curso de licenciatura, o TCE é o escolhido para finalizar essa etapa acadêmica. Essa opção realizada nos traz algumas indicações sobre como organizá-lo e sobre o que

colocar em cada um de seus itens. A primeira indicação fundamental que a escolha por um TCE nos fornece – e que foi exposto na apresentação do conteúdo programático e das diretrizes do PPP do curso – é que a grande maioria dos trabalhos da turma se constituirão como um estudo de caso das práticas desenvolvidas em sala de aula. E o que é o estudo de caso? Como o próprio nome sugere, é um texto em que você vai analisar alguma prática específica que você fez ou com determinado grupo específico ou com determinada pessoa específica. Essa é a maior diferença do estudo de caso. Ele não é um texto puramente teórico. Ele é um texto que se refere a uma experiência prática com um grupo específico.

Então, para o seu TCE, você vai selecionar uma das suas experiências de estágio e elencar uma dúvida de pesquisa que a própria prática tenha apresentado. Para apresentar isso a quem vai ler, é necessário descrever onde a experiência se passou, quais os participantes, qual o objetivo das aulas ministradas para esse grupo, quais foram os métodos aplicados, como se deu cada encontro e o que eles apresentaram de reflexão teórica, entre outros.

Exemplo: você vai falar de uma experiência que você fez com o sexto ano de 2019 em um projeto sobre história. Você vai falar de como começou, de como a turma era, o que você percebia, quais os objetivos que você queria atingir, qual a sua base teórica para definir esses objetivos, quais os procedimentos que você utilizou, como a turma respondeu a esses procedimentos, qual foi o resultado, qual foi o retorno que os integrantes deram para você e assim sucessivamente.

Percebe-se, então, que o estudo de caso precisa ser eminentemente prático e precisa ser sobre um grupo específico. Quanto à estrutura, o estudo de caso vai trazer o seu referencial teórico junto com a descrição da sua prática. Então, teremos um pouco de descrição, um pouco de teoria, um pouco de descrição, um pouco de teoria um pouco de descrição, um pouco de teoria. Isso nos leva a outras possibilidades de organização da escrita em tópicos.

Seus capítulos tanto podem apresentar uma sequência passo a passo das etapas desenvolvidas em sala de aula, quanto podem ter outra organização cronológica que discorra sobre a narrativa a partir do diagnóstico prévio, do planejamento e da aplicação da disciplina. Todos os itens/capítulos, então, estarão diretamente relacionados com a prática e não com a teoria (que aparecerá, no seu trabalho, como um suporte para as decisões tomadas e para a análise pessoal que você busca desenvolver). Essa característica determina, também, uma escrita bem mais pessoal (ou seja, você falando de sua própria experiência) e bem mais processual (valorizando cada momento de transformação

durante os meses de atividade, demonstrando que sair do ponto A para o ponto B não foi, necessariamente, um caminho linear e simples).

Isso confere ao estudo de caso um caráter muito mais descritivo. Ao invés de ficar conceituando muitas coisas e relacionando muitos termos, há mais a descrição do seu trabalho. Você vai descrever o que aconteceu, o que encontrou, o que sentiu, o que recebeu de retorno e daí por diante. Sempre articulando esse relato com os seus referenciais teóricos. E, aí, vale a pena dividir os capítulos a partir das suas etapas de estágio. Então, o início, a prática, o resultado ou outras divisões que você considerar importante.

3.1 Introdução

Iniciando a sua escrita pelo primeiro elemento textual, a introdução, teremos um texto de poucas páginas que apresenta ao seu leitor o grande tema que você está pesquisando. Então, é o espaço para que você apresente alguma revisão histórica e conceitual para localizar o seu objeto de pesquisa e explicitar a relevância que ele tem para o seu campo de conhecimento – nesse momento, cabe indicar algumas referências que sejam pertinentes para o seu trabalho e que sejam pertinentes, principalmente, para definir conceitos e trajetórias históricas. Vale, ainda, colocar a apresentação pessoal da sua trajetória acadêmica e como ela lhe encaminhou até esse momento, gerando o interesse em pesquisar um aspecto específico do seu estágio.

Da mesma forma, esse é o momento para você falar um pouco (já que você vai desenvolver esses aspectos mais a frente) da turma em que você ministrou as aulas, que condições espaciais e de tempo você tinha, assim como qual foi a principal questão que lhe surgiu e que norteará o seu texto (ou seja, o seu problema de pesquisa).

Apresentando a pergunta norteadora, você pode, também, colocar a sua hipótese, seus objetivos e quais as abordagens aplicadas para realizar o que você está prometendo. Todas essas informações lhe darão espaço para trazer, aqui na introdução, a justificativa da relevância de sua pesquisa, já que o espaço específico para a justificativa não existe no TCE. Então, responda os porquês: por que o seu projeto é importante para sua comunidade acadêmica? Como você está contribuindo com o tema selecionado? E por que o seu projeto é importante para sociedade de maneira geral?

Por fim, você pode terminar a introdução indicando o que será apresentado em cada capítulo do seu trabalho de conclusão, reservando um parágrafo para cada uma das etapas, de modo que o leitor saiba o que esperar durante a leitura.

Observação: o mais indicado é que todas as referências colocadas na introdução apareçam somente como citações indiretas – ou seja, com suas próprias palavras –, evitando o uso de citações longas nesse momento do texto.

3.2 Desenvolvimento

Em seguida, é a hora de apresentar o seu desenvolvimento, dividido em capítulos/partes. Como escrevemos anteriormente, em um estudo de caso – formato fundamental do TCE – teoria e prática estão articuladas constantemente, não cabendo pensar em um primeiro capítulo totalmente teórico e um segundo totalmente prático, por exemplo.

Além das definições já sugeridas para a divisão dos capítulos, você também pode retomar os objetivos específicos determinados em seu projeto de pesquisa e usá-los como parâmetro para entender o que estará presente em cada etapa. Que tal transformar cada objetivo em um capítulo ou mesmo juntar dois objetivos e formar um capítulo mais robusto? Tudo é possível, desde que faça sentido para o seu tema e para a prática que você vivenciou durante seu estágio.

Observação: ainda que a sua divisão de capítulos não seja determinada por seus objetivos, é importante que você os leve em consideração no momento da divisão para que você consiga atender àqueles objetivos que você traçou, fazendo-os aparecer no momento da sua comunicação.

Outra dica interessante, nesse ponto, é perceber o quanto de espaço textual (ou seja, o número de páginas) será necessário para que você desenvolva satisfatoriamente cada assunto. Ainda que não tenhamos um número de páginas determinado que cada capítulo deva conter, é importante que eles não sejam desproporcionais entre si, tendo um capítulo com 7 páginas e outro com 1 página, por exemplo. Manter um equilíbrio entre os assuntos também pode lhe ajudar a determinar a divisão dada ao trabalho.

Independentemente da divisão dos capítulos, o que não pode faltar no seu TCE?

- A descrição da organização ou da instituição onde se realizou o estágio;
- Como esse estágio era organizado: quantos dias na semana, quantas horas, sob supervisão de quem, entre outros;
- Relato narrativo e argumentativo sobre as atividades realizadas;
- Relato narrativo e argumentativo sobre a recepção de participantes em relação às atividades; e
- Análise do estágio a partir de determinado tema selecionado e das teorias articuladas.

3.3 Considerações finais

Passar por todos esses pontos vai permitir que você chegue até as suas considerações finais (antigamente chamada de conclusão) com a análise e os argumentos necessários para traçar uma reflexão sobre as potencialidades e as dificuldades encontradas durante o estágio, além de retomar o seu problema de pesquisa e a sua hipótese para avaliar de que maneira eles foram atendidos e quais foram as respostas encontradas depois desse longo processo.

Cabe, então, voltar ao que foi escrito e prometido durante a sua introdução (com a pergunta da pesquisa, os objetivos propostos e as contribuições almejadas) e analisar criticamente como cada um deles foi respondido com a sua pesquisa. Os objetivos traçados foram correspondidos? Se sim ou se não, por quê? Qual foi a resposta encontrada para a pergunta da pesquisa? Qual a visão geral da oficina proposta e como os participantes receberam as proposições? Você conseguiu alcançar as contribuições propostas? Como?

3.4 Itens pós-textuais

Se tivéssemos que indicar a melhor ordem para produzir os itens pré e pós-textuais, a melhor recomendação seria que você fizesse, primeiro, aquelas que não dependem diretamente de como o corpo do texto está organizado e, somente depois, partisse para aqueles que precisam, intrinsecamente, que seu texto esteja 100% pronto. Essa organização pode lhe ajudar, por exemplo, a mandar o texto para a correção de quem faz a sua orientação (e para a correção ortográfica e de ABNT) mesmo que ainda não tenha terminado todos os itens que estão presentes antes e depois do texto principal.

Logo após as considerações finais, temos a lista principal das referências! E aqui, mais do que nunca, vale a pena manter sempre por perto um manual de regras da ABNT para conferir as especificidades de referência de cada documento. Há muitos detalhes e muitas mudanças que são difíceis de decorar (e, sinceramente, não há a necessidade de decorar). Mantenha o manual que você confia sempre ao seu lado e tudo vai dar certo, porque você vai poder consultar esse manual sempre que você tiver dúvida.

O mais importante é que as referências exigem dois cuidados básicos. O primeiro é prestar atenção (e conferir, várias vezes) para que todos os documentos citados no corpo do seu texto estejam devidamente referenciados no item das referências. Não tem um

grande problema se, nas referências, constar um texto que você não usou durante o seu texto, mas vai ter muito problema se você usar um texto durante o seu trabalho e não der a devida referência a ele no campo das referências. Já o segundo cuidado básico é dar os créditos aos autores devidos. Um erro que muita gente comete, por exemplo, é, no campo do autor, colocar o organizador de uma revista ao invés de colocar o autor que escreveu um artigo. E isso faz com que o crédito pela escrita vá para pessoa errada. Mais uma vez, para esse caso, a conferência de um manual pode ser decisiva.



Dica

Dica de manual de uso de referências:

https://www.canva.com/design/DAEPCNVOOQo/7JM4JSVv8QfrIzQceJd3zw/view?utm_content=DAEPCNVOOQo&utm_campaign=designshare&utm_medium=link&utm_source=editor

Ao final de tudo, vem os apêndices e os anexos. E aqui vale a pena lembrar a diferença entre apêndices e anexos. Apêndices são aqueles documentos que você criou, aquilo que é de sua autoria, aquilo que é de sua criação. Já os anexos, é tudo aquilo que você usou, mas que não é seu, que você não produziu, que você não criou. Então, um exemplo de apêndice poderia ser o roteiro de uma entrevista, enquanto um anexo seria as fotos que terceiros tiraram do seu processo.

O que pode entrar nos apêndices e anexos: tudo aquilo que tem relação direta com a prática do seu trabalho, mas que podem ser excluídos da leitura do seu texto principal sem trazer prejuízo para o entendimento. Então, cabem fotografias, depoimentos, fichas, formulários, termos de consentimento, textos teatrais desenvolvidos durante a prática, entre outros (vale, inclusive, a utilização de recursos audiovisuais e multimídias, devidamente entregues no formato desejado).

3.5 Itens pré-textuais

Quando voltamos a nossa atenção para os itens pré-textuais, temos, já de início, a capa e a folha de rosto. Analisemos um modelo de capa:

Figura 2 — Modelo de capa



Fonte: Elaboração própria

Temos, a partir do exemplo acima, que o primeiro item da capa é a logo da sua instituição, que pode vir tanto em preto e branco, quanto em colorido. Logo abaixo, vem o nome da instituição que você colocou a logo e ela vem toda maiúscula, negrito e com letra 16. Em seguida, o nome do seu centro, que vai vir também em maiúscula e negrito, mas com letra 14. Por último, no cabeçalho, temos o nome do curso, também maiúsculo, também negrito, mas com letra 12. Entre o cabeçalho e o título, vai vir o seu nome completo, todo em letra maiúscula, negrita, com letra 14. Chegando no título, existem duas maneiras aceitas de fazer: diferenciando o título do subtítulo pelo uso ou não do negrito, ou diferenciando ambos pelo tamanho da fonte utilizada. No exemplo colocado acima, a diferenciação foi feita usando fonte tamanho 16 no título e tamanho 14 no subtítulo. Caso haja a opção pela diferenciação com o uso do negrito, ambos ficam em fonte 14.

Ao final da página, teremos a cidade e o ano. Lembrando que as informações de cidade e de ano vêm em letra 12 e sem negrito. Outra informação importante é que só a primeira letra da cidade vai vir maiúsculo. No caso do TCE, a informação sobre o volume é dispensável devido ao número de páginas.

Vejamos, agora, um modelo de folha de rosto:

Figura 3 — Modelo de folha de rosto



Fonte: Elaboração própria

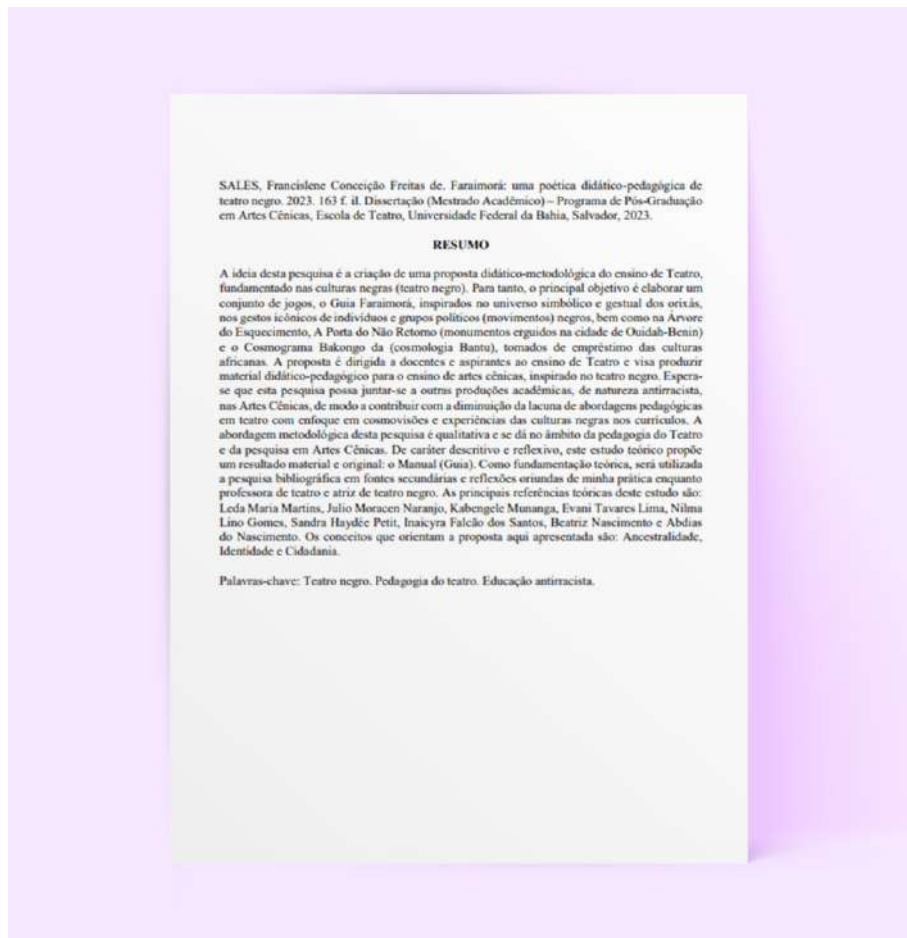
Na nossa folha de rosto, vamos ver que, mais uma vez, a maioria das informações vai aparecer centralizada. Logo no começo da página, temos novamente o seu nome completo, assim como ele aparece na capa, com o mesmo tamanho de letra, tudo negrito, tudo maiúsculo. Em seguida, o seu título, também exatamente como ele aparece na capa, com o mesmo tamanho de letra e com a mesma formatação. Então, logo abaixo, a gente vai ter esse textinho que tem a intenção de informar para o leitor qual é o seu tipo de trabalho, onde ele está sendo apresentado e para que ele está sendo apresentado. Então, no caso do TCE, podemos seguir o modelo:

Trabalho de conclusão de estágio apresentado à Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do grau de licenciado(a) em teatro.

Logo abaixo, vem a informação com o nome completo do seu(sua) orientador(a), assim como o grau de formação dele(a). No final da página, tal como na capa, vem o nome da cidade e o ano.

Em seguida, nós temos o resumo. Em geral, ele tem entre 150 e 300 palavras para trabalhos de conclusão de curso e se caracteriza como um texto corrido, sem divisão de parágrafos e mesmo sem o recuo inicial indicativo do parágrafo. Nele, deve conter informações básicas sobre o objeto a ser abordado, a situação em que a prática foi desenvolvida, as perguntas e objetivos, os métodos empregados e qual foi a principal conclusão extraída dessa experiência. Tudo em fonte tamanho 12, com espaçamento simples.

Figura 4 — Exemplo de resumo e palavras-chave



Fonte: Elaboração própria

Na mesma página, temos as palavras-chaves, que devem ser apresentadas em um grupo de, no mínimo, três palavras e, no máximo, cinco palavras (ou conceitos compostos), com iniciais minúsculas, exceto nomes próprios, e separadas por ponto e vírgula. Na intenção de facilitar que o seu trabalho seja visto por mais pessoas uma vez que ele seja colocado no repositório, é interessante que não se repita as palavras já apresentadas no texto, ampliando as possibilidades de busca.

Logo depois virá os itens opcionais, começando com uma dedicatória, apresentada no final da página, deslocada para o lado direito, em que você vai dizer a quem dedica esse trabalho. Em seguida, são apresentados os agradecimentos. Como finalização dos itens opcionais, temos a epígrafe, que é a seleção e a utilização de uma citação de outro autor que, de algum modo, se relacione com a pesquisa apresentada e possa funcionar como uma apresentação poética do que está por vir.

Figura 5 – Exemplo de epígrafe.



Fonte: Elaboração própria

Caso o seu trabalho apresente muitas imagens, quadros, tabelas ou gráficos, recomenda-se o uso de uma lista. As listas possuem um formato parecido com o de um sumário e se dividem em dois tipos. O primeiro tipo são as listas dos itens citados acima, nas quais serão indicadas as páginas em que tais figuras vão ser encontradas ao longo do texto. Um segundo tipo são as listas de siglas e de símbolos, nas quais não serão indicadas as páginas em que essas siglas irão aparecer, mas sim o significado de cada sigla ou cada símbolo, para que o leitor tenha conhecimento prévio sobre isso.

Figura 6 — Exemplo de lista de imagens

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	
Figura 1 – A pesquisadora em prática na oficina Ara Ódo-corpo de maio, ministrada pela professora Amélia Sz	
Figura 2 – A pesquisadora em realização da célula artística “Exercício de respiração”	35
Figura 3 – A pesquisadora em realização da célula artística “Exercício de respiração”	35
Figura 4 – Francisco de Sales, Franciscano de Sales	52
Figura 5 – Felipe Gabriel Sales	53
Figura 6 – Ponto orgânico	60
Figura 7 – Chadwick Boseman e o gosto Baraka	60
Figura 8 – SEQ Figura 1ª ARABIC 21 – Cosmograma Ilukongo	61
Figura 9 – Foto divulgação do Espetáculo Africano (2007) do Bando de Teatro Odeum	64
Figura 10 – Cia de Teatro Intimo com o Coletivo Preto, espetáculo Negra Palavra I Solano Trindade, 2021	65
Figura 11 – Espetáculo Guandú: O Anjo Negro e Sua Legião	65
Figura 12 – Filme Pantera Negra, 2018	66
Figura 13 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 4 – Vermelho em movimento sob o fundo preto	71
Figura 14 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 5 – Ogan	75
Figura 15 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 6 – Omalú	76
Figura 16 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 7 – Omalú Omalú	77
Figura 17 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 8 – Osaim	78
Figura 18 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 9 – Osaim	79
Figura 19 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 10 – Niant	81
Figura 20 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 11 – Osaim	82
Figura 21 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 12 – Odo	84
Figura 22 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 13 – Ewá	85
Figura 23 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 14 – Iamú	86
Figura 24 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 15 – Lajun Ebi	87
Figura 25 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 16 – Iremú	89
Figura 26 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 17 – Xangô	90
Figura 27 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 18 – Omalú	91
Figura 28 – Guandú	93
Figura 29 – Ponto orgânico	100
Figura 30 – Chadwick Boseman e o gosto Baraka	100
Figura 31 – Figura SEQ Figura 1ª ARABIC 21 – Cosmograma Ilukongo	101
Figura 32 – Elementos afrodiaspóricos	105

Fonte: Elaboração própria

Figura 7 — Exemplo de lista de siglas

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	
BI	Bacharelado Interdisciplinar
CAN	Cia Teatral Abdias Nascimento
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNN	Consciência e Cidadania Negra
COVID-19	Coronavírus
CP	Conselho Pleno
CRIA	Centro de Referência Integral de Adolescentes
DCRB	Documento Curricular Referencial da Bahia
Enfba	Escola de Teatro da UFBA
EUA	Estados Unidos da América
FNAC	Fórum negro de Artes Cênicas
LGBOIAPI ²	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transsexuais, queer, intersexos, assexuais, pansexuais, dentre outras
PNPD	Programa Nacional de Pós-Doutorado
Pós-Afro	Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos
PPGAC	Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas
Prof-Artes	Mestrado Profissional em Artes
TEM	Teatro Experimental do Negro
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual de Campinas
UNIBR	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

Fonte: Elaboração própria

Por fim, como último item pré-textual, temos o sumário, indicando os títulos dos capítulos e dos subcapítulos em até cinco níveis (ou seja, até a possibilidade de subdivisão em 1.2.1.5.2, por exemplo), com suas respectivas páginas, permitindo que quem vai ler se direcione para aqueles temas que mais interessam.

No momento da enumeração das páginas é importante perceber que é na introdução onde, de fato, os números das páginas começam a aparecer no canto superior direito, mas ela não é contabilizada como a página 1. Isso porque, na verdade, a contagem das páginas começa na folha de rosto, sendo necessário contabilizar todas essas páginas que aconteceram antes. Nesse caso, então, caso você tenha 10 páginas entre a folha de rosto e o sumário, a sua introdução começará a ser numerada pela página 11.

Segue, abaixo, uma imagem de sumário para visualização da maneira correta de formatar os capítulos e subcapítulos em até cinco níveis:

Figura 8 – Modelo sumário



Fonte: Elaboração própria

Dica: Tanto para a criação do sumário, quanto para a criação das listas, é possível usarmos a tecnologia dos editores de texto a nosso favor para produzi-los automaticamente. Para isso, basta que apliquemos os estilos de títulos 1, 2, 3, 4 e 5, respectivamente, na aba de página inicial – cabendo, também, a possibilidade de criar novos estilos correspondentes as tabelas, aos quadros, as imagens, entre outros.

No uso dos estilos do editor de texto, vale lembrar a regra de que o Título 1 deve ser sempre maiúsculo e negrito; o título 2 deve ser sempre maiúsculo e sem negrito; o título 3 deve ser sempre minúsculo e negrito; e o título 4 deve ser sempre minúsculo e sem negrito (assim como apresentado no modelo de sumário).

Com esses estilos arrumados, o editor de texto poderá fazer tanto o sumário quanto a lista de imagens e quadros automaticamente para você. Para o sumário, basta então abrir a aba *Inserir* e clicar em *Sumário*, selecionando a opção *Personalizar sumário*. Nessa personalização, você pode pedir que ele mostre os níveis até o número 5, garantindo que todos os títulos sejam inseridos. Também é recomendado ativar as opções *mostrar números de página e alinhar números de página à direita*.

Entrando nas opções de sumário, é possível escolher que ele seja produzido a partir dos estilos pré-determinados e selecionar os títulos de 1 a 5, além de determinar que eles sigam os *níveis da estrutura de tópicos*.

Para a lista de imagens ou de quadros, o caminho é parecido mas, ao invés de inserir um sumário, você vai inserir um *Índice de ilustrações*. Durante a personalização desse índice, você deve seguir as mesmas marcações apontadas acima, mas, nas *opções de índice*, no lugar de usar os estilos de títulos, você utilizará os estilos criados por você e correspondentes às imagens, aos quadros ou a qualquer outra ferramenta utilizada.

Por sua vez, para a lista de siglas, a melhor estratégia é criar uma tabela com duas colunas e, em seguida, ocultar as divisórias da tabela entrando nas *opções de estilo* e apagando as bordas ou selecionando toda a tabela e clicando com o botão direito do mouse, que deve oferecer uma opção correspondente. Isso permitirá que suas siglas estejam devidamente alinhadas sem muito esforço.

Dica: Quanto mais ao final do trabalho você estiver, mais você deve optar pelo uso de apenas um editor de texto, evitando transferir sucessivamente o trabalho entre um editor de texto online e um offline, por exemplo. Isso porque, no momento da transferência de um para o outro, uma série de configurações de formatação podem ser perdidas ou modificadas, fazendo parecer que o trabalho está sempre bagunçado a depender do editor no qual ele é aberto. Então, combine um editor único com o seu orientador até o fim do TCE e, se possível, opte sempre pelo editor offline no momento de produzir os itens pré e pós-textuais, já que eles são mais fidedignos, em termos de formatação, no momento de transformar o seu arquivo em um PDF (formato que deve ser utilizado ao enviar para a banca).

3.6 O que não se pode esquecer da ABNT

Talvez vocês já saibam que a ABNT não é somente para trabalhos acadêmicos. Na verdade, ela determina padronizações para praticamente tudo que a gente usa na nossa vida. Uma mesa, uma cadeira, uma luminária, para tudo ela tem padronizações. E isso nos ajuda a entender para que ela serve dentro dos trabalhos acadêmicos. Ela serve, então, para padronizar os trabalhos. E o que isso significa? À medida em que se padroniza os trabalhos, consegue-se identificar, visualmente, um trabalho que é válido, um trabalho que é sério, um trabalho que envolveu uma pesquisa, que envolveu uma universidade. Então, tudo isso agrega valor e seriedade ao trabalho.

Entendendo isso, a gente vai começar a entender também que, para esse objetivo ser alcançado, não existem poucas regras. As regras da ABNT são imensas e variadas e, por isso, é interessante ter sempre um manual acadêmico à mão. Mas existem algumas regras básicas, iniciais, que são aquelas em que “não é permitido mais errar”.

A primeira é a regra das margens – fundamental em todos os trabalhos e, principalmente, aqueles que serão impressos. Então, a regra das margens é o seguinte: superior - 3 centímetros; lado esquerdo - 3 centímetros; lado direito - 2 centímetros; inferior - 2 centímetros. Por que tem essa diferença? Porque você imagina que, do lado esquerdo, vai estar a margem e vai estar a capa do trabalho. Então, se faz necessário dar essa distância para que a capa não invada o seu texto, não passe por cima do seu texto.

A próxima regra que também não dá para errar é sobre letras e espaçamentos. É bem verdade que, pela regra, é aceito tanto que você use fonte Arial, quanto que você use a fonte Times New Roman. Mas é necessário seguir um padrão do início ao fim do texto, evitando (a menos que seja uma escolha estética) flutuar entre as duas fontes sem motivo aparente. De modo geral, elas também estarão sempre no tamanho 12 e com espaçamento 1,5, mudando apenas no caso das citações longas, o que nos leva a terceira regra.

Só podemos manter uma citação dentro do parágrafo se ela tiver até três linhas. Se ela passar das três linhas, já precisa que ela esteja deslocada. E o que vai ser ela estar deslocada? Você vai separar ela do parágrafo. E aí modifica-se o tamanho da fonte e o espaçamento. Ao invés de ser tamanho 12, ela vai para tamanho 10; e, ao invés de ser espaçamento 1,5, ela vai para espaçamento simples. Lembrando que também a margem dessa citação deslocada não vai ser igual ao restante do texto. Você vai precisar arrastar essa margem para 4 cm.



Sabendo um pouco mais

Acesse a norma ABNT NBR 6027:2012 (Informação e documentação — Sumário — Apresentação) no link a seguir:

ABNT Catálogo — <https://www.abntcatalogo.com.br/pnm.aspx?Q=djFES3RoN0JmRHIUcEZtSFd1S1N6WjFNdk00TlhBYXpUMzNpQjc3VFFYcz0=>

3.7 Mas e a apresentação?

Como vocês viram indicado no Plano Político Pedagógico apresentado logo no começo desse capítulo, o final do Trabalho de Conclusão de Estágio também pressupõe uma apresentação pública e oral do seu trabalho, como maneira de “prestar contas” à sociedade de tudo que você aprendeu ao longo do seu curso! Essa etapa será, então, norteadada pelo componente curricular Seminário em Pesquisa, que tem como ementa “Apresentação oral do projeto de pesquisa e do relato crítico-analítico durante o processo de escrita do TCE” e cujo conteúdo programático prevê “apresentação oral do projeto de pesquisa (sumário, introdução, objetivos, horizontes teóricos, cronograma, referências). Apresentação oral do relato crítico analítico. Preparação para a defesa pública”.

A fim de organizar esse momento da sua apresentação oral, é fundamental criar alguns *slides* que consigam nortear a sua fala e, ao mesmo tempo, apresentar aspectos visuais da experiência que você desenvolveu em seu estágio, transmitindo suas ideias – pela primeira vez – a pessoas que nunca leram o seu trabalho (já que é um momento de abertura à comunidade). Nesse momento do nosso e-book, então, vamos apresentar algumas dicas para a criação desses slides!

Dica 1: seus *slides* e sua apresentação oral são, grosso modo, um grande resumo do que você traz no seu texto. Sendo assim, você precisa apresentar ao público os aspectos principais que tornam seu trabalho único.

O que você quer que seu público entenda ou se lembre após a sua defesa? Você pode, por exemplo, querer que as pessoas estejam informadas sobre o seu

problema de pesquisa, que visualizem os resultados que você vivenciou em sala de aula e que entendam possibilidades de reprodução dessa pesquisa em outros ambientes e momentos. Ter essa clareza vai facilitar na escolha dos pontos colocados em cada *slide*!

Dica 2: a sua apresentação em *slides* pode (e pode ser até melhor assim!) ser organizada de acordo com os mesmos tópicos que você utilizou no seu texto. Então, se o seu trabalho está dividido em introdução, experiência e considerações finais, por exemplo, esses são os tópicos principais que você pode usar nos seus *slides*.

Dica 3: os *slides* não são feitos para que as pessoas passem muito tempo lendo cada um deles (nem mesmo você!). Sendo assim, a apresentação em tópicos e em frases curtas intercaladas com imagens relacionadas a cada tópico é uma estrutura quase livre de erros para garantir que os slides sejam agradáveis a quem estiver lhe assistindo. Mais uma vez, pensar em quais são as informações realmente essenciais de cada tópico é fundamental.

Dica 4: cuidado com os aspectos visuais do seu *slide*, especialmente em relação aos temas e às cores. O uso de grandes contrastes (fundo claro e letras escuras ou vice-versa, por exemplo) é fundamental para que as pessoas consigam entender bem as informações que estão ali colocadas. Do mesmo modo, as cores podem transmitir uma atmosfera interessante sobre a turma em que você esteve trabalhando. Já parou para pensar, por exemplo, que alguém que esteve em uma turma de adultos pode usar cores diferentes de alguém que esteve em uma turma de educação infantil para trazer os espectadores para junto da experiência?

Dica 5: faça um uso de imagens, tabelas e fotografias que ampliem os itens que você quer falar e, também, que possam mostrar a experiência vivenciada. E aqui, cabe o lembrete: é preciso sempre agir de maneira ética e legal com essas imagens. Pegou algo da internet? Coloque a devida fonte. Resolveu usar imagens feitas durante a prática? Garanta que você tem a permissão por escrito das pessoas participantes e, em caso de menores, opte por preservar a identidade usando sombreamento nos rostos ou optando por imagens em que estejam de costas.

Dica 6: planejar os *slides* é também planejar o seu tempo e, por isso, não adianta fazer uma quantidade enorme de páginas para apresentar em poucos minutos – isso pode lhe causar ansiedade por não conseguir atender a tudo aquilo que se planejou. Uma boa métrica de tempo é usar a relação de 1 *slide* para cada 1 minuto de apresentação.

Dica 7: assim como qualquer apresentação teatral, o ensaio é o segredo para uma boa apresentação! Então, pratique a sua oratória apresentando o seu trabalho para si mesmo e para pessoas próximas, garantido que você tem o domínio necessário sobre o que está falando.

Dica 8: nós estamos em um curso propício para a utilização de maneiras diversas de apresentação, como as performáticas, por exemplo! Dentro de suas possibilidades e interesses, sinta-se à vontade para trazer outros elementos além dos *slides* para o momento da sua defesa!

Que comecem os trabalhos!

Agora que nós já lhe passamos as nossas melhores dicas e exemplos, chegou o momento de você botar todos esses aprendizados em prática no seu Trabalho de Conclusão de Estágio. Que essa nova fase se inicie e conte conosco para o que precisar nessa etapa!



Imagem: Freepik

Referências

CARREIRA, André; CABRAL, Biange; RAMOS, Luiz Fernando; FARIAS, Sérgio Coelho (org.) **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006

COESSENS, Kathleen. A arte da pesquisa em artes: traçando práxis e reflexão. **Art Research Journal** Natal, v. 1/2, p. 1-20, 2014.

ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas. **O signo de três**. Tradução Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, Urânia Auxiliadora Santos Maia de. **Metodologia da pesquisa em teatro**, Salvador: Escola de Teatro: Superintendência de Educação a Distância: Universidade Federal da Bahia 2023.

SEBEOK, T., SEBEOK, J. **Você conhece meu método**. In: T. Sebeok, U. Eco (Orgs.), **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 2004.



Universidade Federal da Bahia

Elaboração de Projeto de Pesquisa

Neste **e-book** você encontrará orientações bastante detalhadas para escrever o projeto, pois se trata de uma disciplina teórico-prática, cuja **ementa** é aqui reproduzida: “Escrita do projeto de pesquisa para o Trabalho de Conclusão dos Estágios (TCE). Delineamento de horizonte teórico para trabalho de pesquisa”. E cujo **conteúdo programático** propõe: “Temas relacionados ao trajeto dos estágios supervisionados. Projeto de pesquisa. Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Fundamentação teórica”.



PROGRAD
PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO



Escola de Teatro
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

